

convergência

SET — 1973 — ANO VI — N.º 61



Página 393:

**ESPERAR CONTRA
TODA
ESPERANÇA,**

Pe. J. B. Libânio, SJ

Página 404:

**RENOVAÇÃO PASTORAL
NO MUNDO
DO ENFERMO,**

Pe. Adriano Backx, CSSR

Página 419:

RELIGIOSAS FRANCISCANAS CONVERTIDAS

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1973:

Brasil: via terrestre Cr\$ 40,00
 via aérea Cr\$ 45,00
Exterior: US\$ 12,00
Avulso Cr\$ 4,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

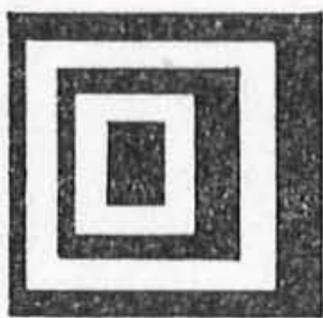
Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	385
INFORME DA CRB	387
TEOLOGIA DA ESPERANÇA. ESPERAR CONTRA TODA ESPERANÇA, J. B. Libânio, SJ	393
RENOVAÇÃO PASTORAL NO MUNDO DO ENFERMO, Adriano Backx, CSSR	404
ANGELA MERICI, FUNDADO- RA DAS URSULINAS, Mar- cello de Carvalho Azevedo, SJ	415
IRMÃS FRANCISCANAS DA RECONCILIAÇÃO	419
RENOVAR-SE NA CONFIAN- ÇA, Alocução de Paulo VI.	423
ENCONTRO DE EDUCADORES DA FÉ DOS JOVENS, Maria C. Amarante, RSCJ	425
ORAÇÃO COMUNITARIA	428
A CELEBRAÇÃO DO ANO SANTO	433
VIDA RELIGIOSA: EXPERIÊN- CIAS E TESTEMUNHOS	437
LIVROS NOVOS	441



EDITORIAL

Com este número de **Convergência** iniciamos uma série de artigos dedicados à **ESPERANÇA**. A conexão desta virtude com o tema central que abordamos este ano: **missão e vida religiosa**, é evidente.

A esperança está na raiz de toda missão. São Paulo, a partir do momento em que descobriu o amor de Cristo, amor que deveria transformar e transfigurar a face da terra, lançou-se, intrepidamente, na luta pela implantação dele.

O apóstolo, porém, nunca desanimou. A causa que ele defendia, não era humana, mas divina. Por isso, o sonho impossível, a luta insustentável, a estrela inatingível se tornaram realidade. A **ESPERANÇA** transformou a utopia em fato palpável.

Anunciou a boa nova, a salvação, a fé, confiando de que os pagãos atenderiam a seu apelo. Conhecemos as lutas do apóstolo, as contradições que despertou, êxitos que obteve, e sobretudo fracassos, e no final a morte. Um pequeno número respondeu à mensagem de Paulo.

Passam os homens mas a força que anima os apóstolos é sempre perene.

Continuam os religiosos a crer na esperança. E em nome dela

crêem no amor que os une
na vida fraterna. Na esperança
de bens futuros, renunciam
a bens materiais, ao poder.
Conduzidos pela esperança assumem o risco,
abrem o caminho sem tornar
a passar por ele. Plantam
sem ver a árvore crescer.

Gastam a vida sem medo da morte,
porque para além de todas as limitações e pecados,
eles crêem no amor e esperam
que este amor triunfe
e se estabeleça como lei universal.

Falar em missão e vida religiosa,
é falar em esperança e vida religiosa.

Pe. J. B. Libânio focaliza a esperança
dentro de um mundo profundamente preocupado
com o sentido de sua vida.

Vivemos dominados pelo medo,
pela fuga de nós mesmos
e pelo desejo imenso de acertar
o caminho que leve à felicidade.

Pe. Adriano Backx conduz o leitor
a visitar um doente, um hospital.
Por que os religiosos se inclinam sobre os que sofrem?
Quem mais do que o doente precisa de esperança?

Não será uma missão específica
do religioso? Como fazer
germinar a esperança em quem
está preso pelo sofrimento, com a morte à espreita?

Outros exemplos de esperança
os encontramos na forma como Deus suscitou
as Irmãs Franciscanas da Reconciliação
e na vida de Santa Ângela Merici.

Na esperança de servir sempre melhor
para que os religiosos sejam o testemunho
vivo e autêntico de Cristo,
CONVERGÊNCIA lhe faz mais esta visita
para um diálogo fraterno.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS (UISG)

(Grupo Latino-Americano)

A União Internacional das Superiores Gerais (UISG) é um organismo que congrega as Superiores Gerais residentes em Roma e as representantes proporcionais daquelas Superiores Gerais cujas sedes de Governo estão nos respectivos países de origem, e por isso, fora da cidade de Roma. (Ver **Convergência**, julho/agosto 1973, página 324). A UISG realiza reuniões e encontros sistemáticos e programados para o estudo, a reflexão, a análise dos programas, dos projetos, dos planos relativos à organização e de interesse da vida religiosa independentemente desta ou daquela congregação, deste ou daquele país.

Além destas reuniões específicas e próprias para intercâmbio informal de problemas concretos que interessam a todas, as Superiores constituíram ainda grupos espontâneos por línguas. Pouco a pouco tais grupos vão tomando uma fisionomia própria. Assim, há grupos de língua alemã, de língua espanhola, de língua inglesa, de língua francesa, de língua italiana. E há o Grupo Latino-Americano. **Convergência** oferece aos seus leitores algo dos encontros deste último Grupo.

GRUPO LATINO-AMERICANO

Desde o começo, há três anos, as religiosas determinaram como objetivos aos que se inscrevessem neste grupo:

1.º) Sentir-se solidários num clima de amizade e de encontro também com as Assistentes Gerais e Representantes dos respectivos colégios pontifícios latino-americanos em Roma, para evitar o distanciamento e o isolamento da realidade do Continente.

2.º) Refletir e estudar problemas concretos da América Latina. A ação se concentrou na busca de contato com os estudantes latino-americanos que vivem em Roma para ajudar-nos mutuamente a manter viva em nós a realidade dos diferentes países.

São características do Grupo: **A mobilidade** causada pelas viagens contínuas dos seus membros, embora exista um núcleo estável que assegura e garante a continuidade e a permanência do Grupo. **A abertura à base**, sobretudo aos estudantes que trazem grande riqueza ao Grupo. **A unidade pastoral latino-americana**. Tomamos consciência de

nossa unidade e tratamos de vivê-la aqui em Roma para transmiti-la depois, aos respectivos países. **A busca constante da realidade.** Nisto ajudam consideravelmente os leigos integrantes. Cada um pertence ao Grupo com um **sentido mais de dar** do que de receber.

Todos os encontros estão centrados na eucaristia e na oração. Ideal do Grupo é chegar a constituir uma verdadeira comunidade com momentos fortes de oração e de busca. Combina-se a palavra com a eucaristia; o ágape fraterno com a necessidade de ação.

Há um intercâmbio de experiências novas, de problemas que surgem, de bibliografias...

A reflexão e o estudo em profundidade tentam oferecer algo seja para a comunidade européia, seja para a comu-

nidade latino-americana, desde que se trata de um pequeno grupo pan-americano que observa a problemática de fora da realidade.

Nossos encontros são uma vez por mês, sempre em casas diferentes. De tanto em tanto, preparam-se sessões abertas para outros organismos de Roma estar presentes e participar.

O tema deste ano de 1973 está sendo: **“Vida Religiosa e Situação Sócio-Política na América Latina.”** Debateremos temas diferentes, baseados sempre em fatos concretos como, por exemplo: Congresso da Juventude no Panamá; Problemas de uma Diocese Pobre na Argentina; Metas Práticas para uma Evangelização num Mundo Secularizado; A Problemática Latino-Americana, vista pelo Secretariado Geral da Comissão Episcopal Francesa para a América Latina.

RETIRO E ENCONTRO INTERCONGREGACIONAL (Miracema do Norte, Goiás)

Numa perspectiva de serviço aos religiosos do norte-goiano, a CRB Regional de Goiânia promoveu um retiro e um encontro intercongregacional, de 5 a 13 de julho 1973. Todas as comunidades foram convidadas. A **“Vida Segundo o Espírito”**, o documento da CLAR foi o tema.

Foram 22 as religiosas de oito congregações diferentes que viveram no Centro de Treinamento de Miracema do Norte, dois dias de intensa riqueza espiritual. Refletiram e debateram temas de interesse comum e tomaram decisões práticas para o incremento da vida religiosa na região.

A CRB Nacional esteve presente assumindo parte da coordenação do retiro e do encontro, cujas palestras ficaram a cargo da Irmã Nilza Junqueira Reis e Padre Faliero Bonci. Sincera convivência fraterna entre os membros das várias congregações, facilitada e estimulada pelo ambiente da casa, o relacionamento amigo com os padres da Prelazia de Miracema do Norte, a dedicação da Irmã Regina e demais Irmãs da Assunção, foram aspectos muito notados.

Os quatro dias de encontro para o estudo do documento da CLAR **“Vida Segundo o Espírito”** assumiram uma característica peculiar: todas as religiosas

participantes se encontram na região norte-goiana engajadas em trabalho missionário de vanguarda. Este fato deu uma conotação especial às conclusões e moções finais. O intercâmbio de dados e experiências despertou-as para a necessidade de uma organização maior em nível pastoral e de CRB. Índice desta constatação foram as moções finais.

As religiosas reunidas em Miracema do Norte, após estudo e reflexões, votaram por unanimidade as seguintes moções:

Primeira. Constatando que algumas regiões do norte-goiano não possuem um plano de pastoral, solicitamos aos Senhores Bispos e Prelados que o elaborem, com a participação dos diferentes membros do povo de Deus.

Segunda. Visando a própria formação permanente e sentindo a necessidade de nos organizar, nos propomos criar núcleos diocesanos da CRB. Para a coordenação destes núcleos, indicamos interinamente os seguintes nomes: **Diocese de Porto Nacional:** Irmã Gema Maria Bonotto e Irmã Maria da Paz Velasco Pérez. **Prelazia de Miracema do**

Norte: Irmã Aída Nunes e Irmã Helena Suzana Chirto. **Prelazia de Cristalândia:** Irmã Rita Consuelo que escolherá mais uma auxiliar. **Prelazia de Tocantinópolis:** Irmã Maria Leônia Gimenez que escolherá mais uma auxiliar.

Terceira. Tendo em vista o melhor entrosamento dos religiosos, propomos à coordenação da CRB da região norte de Goiás, nomeando interinamente como coordenadores: Padre Carlos Clear e Irmã Regina Maria Cavalcanti.

Quarta. Considerando a importância do processo de educação na evangelização e da incidência da presença dos religiosos nesta área, solicitamos aos Senhores Bispos a promoção de um encontro de educadores dentro do prazo de um ano, para a busca de pistas de uma ação pastoral adequada neste setor.

Este Encontro de religiosos do norte goiano em Miracema do Norte, o primeiro da região, iniciou uma série de outros encontros, visando uma nova convivência na certeza de contribuir assim para a vida religiosa e para sua inserção na Igreja local.

RELIGIOSOS A SERVIÇO DA IGREJA

Paulo VI, no dia 16 de maio, nomeou Consultores da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, os seguintes Religiosos:

Pe. Dório Maria Huot, dos Padres Monfortinos; Pe. Michael O'Reilly, Oblatos de Maria Imaculada; Pe. Aurélio Scuneco, Carmelitas Descalços; **Pe. Décio Teixeira, Salesianos de Dom Bosco;** Pe. Gaetano Esser, Frades Menores; Pe. Ambrósio Sanna, Frades Menores Con-

ventuais; Pe. Cherubino Bonucchi, Frades Capuchinhos; Pe. Gabriel Brasò, Benedictinos Sublacenses; Pe. Jean B. Beyer, Companhia de Jesus; Pe. Mark Said, Dominicanos; Pe. Agostinho Trapé, Agostinianos; Madre Antoine de Padoue, Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo; Madre Teresa de Ávila McLeod, Irmãs Dominicanas do Santíssimo Rosário de Sinsinawa; Madre Jeanette Chagnon, Irmãs da Apresentação de Maria.

MISSÃO DO RELIGIOSO EDUCADOR

(Reunião em Lima, Peru)

Doze peritos indicados pelas Conferências Nacionais dos Religiosos dos vários países latino-americanos reuniram-se em Chachacayo, Lima, Peru, de 24 a 28 de julho de 1973 para início de um estudo promovido pela CLAR, Confederação Latino-americana de Religiosos, sobre **O Religioso Educador**. Foi o primeiro passo de um trabalho que se deverá continuar em âmbito de todas as Conferências até a elaboração de um novo documento que ajude à reflexão dos religiosos dedicados à tarefa educacional em toda a América Latina.

Estiveram presentes durante todo o tempo do Encontro, **Padre Carlos Palmés, SJ**, Presidente da CLAR; **Irmão Avelino Fernandez**, Vice-Presidente; **Frei Luís Patiño, OFM** e **Irmã Maria Agudelo**, respectivamente Secretário Geral e Adjuvante Geral. Pelo Brasil estiveram participando **Irmã Helena Maria Ferreira, RSCJ** e **Irmã Liz Rolim Cintra**.

LINHAS MESTRAS DO TRABALHO

O empreendimento do estudo responde ao sentir da V Assembléia Geral da CLAR que assim se expressou: "Para nós, refletir, estudar e aprofundar conjuntamente o sentido de nossa vida e missão para responder adequadamente aos chamados do Senhor neste momento histórico no Continente Latino-americano, é não somente um direito, mas um dever e uma séria responsabilidade."

Neste intuito fez constar da programação do corrente ano o estudo sobre a problemática do **Religioso Educador**. Não se trata de focalizar a problemática educacional propriamente dita, sob o âm-

gulo técnico-científico, mas a pessoa mesma do religioso, as exigências de sua fé e de sua consagração no compromisso com o homem latino-americano, em uma hora em que se abrem, para a tarefa educativa, horizontes novos e caminhos exigentes.

Após as primeiras colocações, discutiu-se sobre os pontos básicos que se concretizaram nas seguintes linhas de trabalho:

1. SENTIDO DA PRESENÇA DO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA. Que significa educar na América Latina? A gestação de uma nova cultura em um mundo novo.

"Ser presença que desperte nos outros a capacidade de assumir o próprio destino e o destino da coletividade; motivar os homens para que em sua relação com Deus e com os demais homens descubram a transcendência e possam juntos transformar as relações geradas pelo egoísmo e pela injustiça, em outras relações nas quais a pessoa possa reconhecer-se e amadurecer."

"Por sua vocação e por sua vivência comunitária, o religioso pode, de modo especial, animar e impulsionar a dimensão comunitária que é essencial a todo processo educativo como criador de um mundo fraterno."

2. PROBLEMÁTICA DO RELIGIOSO EDUCADOR. Problemática referente à vida religiosa como consagração. Problemática referente à vida religiosa como missão.

“O religioso tem o ideal de fazer o bem, de dedicar-se aos outros, de comunicar-lhes sua vivência e riqueza pessoais para ajudá-los a ser mais. Esta dedicação só se pode realizar como uma resposta a necessidades concretas que se gratificam com ações concretas. E necessário ter conhecimento claro dos objetivos que se pretendem e dos meios para alcançá-los. Então sente a fecundidade evangélica de seus esforços e trabalha pelos outros com entusiasmo e convicção.”

Verificou-se entre outras coisas que é grande a confusão a respeito destes pontos:

- Confusão a respeito de sua identidade como religioso e como educador.

- Confusão sobre a finalidade: promover o homem ou evangelizá-lo.

- Desconhecimento global da educação dentro do contexto político, social e econômico.

- Falta de avaliação e de planificação.

“Para compreender com eficiência sua missão hoje, o religioso educador necessita ser **homem de seu tempo e comprometido com a promoção dos valores do Reino.**”

3. LINHAS CONCRETAS DE RENOVACÃO. a) Mudança de mentalidade. Que significa? Quais os meios? b) Interrogações.

ASSEMBLÉIA REGIONAL DA CRB — RECIFE

(20, 21, 22 de junho de 1973)

Obedecendo ao cronograma livremente pré-estabelecido da programação das

“Passar de uma visão estática e imóvel, considerada como defesa de valores estabelecidos, absolutizando estruturas e modos de atuar, para uma visão dinâmica da ação do Espírito na História, orientando-se para a interpretação dos sinais dos tempos como um chamado divino para construir a História.”

PARTICIPAÇÃO DA CRB

O aprofundamento da missão educadora deve ser considerado como uma dinâmica do compromisso, lúcida, realista e forte, de maneira que o diagnóstico realizado em reflexão conjunta fundamentalmente e anime as linhas construtivas de ação. No conjunto dos religiosos da América Latina dedicados a tarefas educativas, o Brasil é certamente uma parcela representativa.

Por isso a CRB tem todo empenho em promover e animar a reflexão sobre o temário deste Encontro, dando à CLAR uma contribuição de valor em âmbito latino-americano e aos religiosos educadores, do Brasil, como sabe que é seu desejo, a ocasião de buscar com esperança o que o Senhor quer dizer **hoje e aqui** de nossa história da salvação.

Foi com esta esperança, muita alegria e unidos na escuta da Palavra de Deus que os doze peritos iniciaram o estudo. A CRB está certa de que os religiosos e as religiosas do Brasil estarão a postos a seu apelo para continuar o estudo com a mesma confiança.

Assembléias Anuais das 14 Regionais da CRB, os Superiores Maiores dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Norte, em número superior a 60, e os Representantes dos diversos núcleos diocesanos, realizaram nos dias 20, 21 e 22 de junho, a Assembléia Anual, no Seminário de Olinda, com a presença da Diretoria e Executivo Regionais e do Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB e da Irmã Nilza Junqueira Reis, Secretária Adjunta.

O programa da Assembléia foi estabelecido a partir das conclusões de uma consulta feita aos Superiores Maiores e Regionais, por um questionário enviado, preenchido e tabulado, que levava estas perguntas abertas:

Primeira: O que está fazendo concretamente em sua Congregação para a renovação das comunidades? **Segunda:** Quais os problemas que considera fundamentais e que interferem nesta renovação? **Terceira:** Quais os critérios que tem usado para corresponder ao carisma pessoal dos religiosos? **Quarta:** Quais as consequências de uma atenção maior dada ao carisma pessoal dos religiosos? **Quinta:** Como se sente hoje em sua função de Superior Provincial ou Regional?

Baseados nas respostas tabuladas, depois de um primeiro dia de experiência de oração, de um painel esclarecendo as conclusões da pesquisa e sintetizando ao nível do consciente os resultados também dos sete grupos de estudos constituídos, a pauta de trabalhos ficou assim estabelecida: **1.** Maturidade e Afetividade.. **2.** Identidade e pertença. **3.** Maneiras de viver a vida religiosa hoje. **4.** Carisma e discernimen-

to. **5.** Carisma pessoal e função de Superior.

No último dia, Irmã Cecília Soderro, Presidente da Regional, apresentou o Relatório da atuação da Regional relevando com destaque: **1.º)** Encontro bimestral dos Superiores Maiores para o estudo do programa do noviciado, avaliação do ano de 1972, comunicação das conclusões do Encontro de Presidentes e Secretários. Preparação à Assembléia. **2.º)** Noviciado intercongregacional. **3.º)** Acompanhamento regular das Pequenas Comunidades. **4.º)** A atuação dos Religiosos no setor saúde, sob a orientação do Pe. Adriano Backx, CSSR.

Na noite do dia 21 foi o Encontro geral dos Religiosos e Religiosas da cidade e da Regional para uma apresentação dos trabalhos da CRB em âmbito nacional e como caráter de serviço à vida religiosa em si e à Igreja, feita pelo Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB. Depois desta visão de conjunto, visão panorâmica do que é e do que faz a CRB, as dimensões dos horizontes tomam outras proporções e o otimismo e o entusiasmo pelo imenso bem que se faz recebem novo colorido e novo vigor.

A Eucaristia do dia 21, presidida por Dom Helder Câmara, Arcebispo de Recife, a quem a Assembléia hipotecara anteriormente apoio e solidariedade pelo seu falar e agir, encerrou a Assembléia. A Assembléia, apesar de um momento difícil, no final do primeiro dia representou um passo muito grande de crescimento no trabalho de conjunto e na busca de novas expressões de VR. Nota-se uma consciência crítica muito sábia, assumindo responsabilmente os lances incertos de uma renovação, dentro de realidades subdesenvolvidas.

Quando se vai até ao extremo da noite encontra-se uma outra aurora.

O homem de hoje ouve de todos os lados acusações contra a esperança.

O coração humano indo até ao extremo do desespero começa a redescobrir a esperança.

PE. J. B. LIBÂNIO, SJ

TEOLOGIA DA ESPERANÇA

ESPERAR CONTRA TODA ESPERANÇA

Fala-se muito daquilo que não existe, mas preocupa. Fala-se muito daquilo que existe, mas ameaça. Fala-se muito de algo que o homem quer esquecer, mas sua consciência não lhe permite. O primeiro modo revela desejo. O segundo manifesta medo. O terceiro é fuga. Hoje se fala muito em teologia da esperança.

Será um desejo profundo do homem?

Será medo? Será fuga?

Mais do que nunca o teólogo se sente diante dum problema envolto

de ambiguidades, ao tratar e ouvir falar tanto da esperança. Será que valem ainda as acusações de Nietzsche: "Esconjuro-vos, meus irmãos. Não creais naqueles que vos falem de bens celestes. Aderi aos bens dessa terra".

Quando se põe alguém a falar da esperança, logo surge a pergunta:

Será mero desejo do coração falar de uma realidade que vem animá-lo no meio de tantos problemas, mas no fundo não passa de uma ilusão?

Ou não será que o homem tem medo e se esconde do medo falando de esperanças futuras?

Ou ele quer fugir da dura realidade, perdendo-se em divagações coloridas?

“Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas” [1].

Para entender a gravidade da problemática da esperança, cabe considerar alguns elementos de nosso momento histórico presente. A esperança sente-se violentamente ameaçada e por isso surge com maior força. Tudo parece querer destruí-la e ela protesta fazendo-se campo de reflexão de filósofos, poetas, teólogos. O campo da esperança, no seu verdadeiro sentido, é o da inviabilidade de uma situação, confiando nas promessas de Deus e não nas previsões calculadas de nossos projetos [2].

Ou de modo mais antropocêntrico, podemos dizer que o homem confia em que sairá de uma situação inviável, mesmo que tudo lhe parece dizer que isto é impossível. Esta confiança se apóia no próprio homem, não como orgulho e auto-suficiência, mas como alguém que é consciente de que Deus está presente no seu agir, no seu lutar, no seu esperar contra toda esperança. Deus é experimentado na própria coragem do homem, na sua própria esperança inquebrantável.

Falar de esperança significa somente falar de um mundo futuro, que vem substituir a esse mundo caduco?

Ou será que a esperança envolve um compromisso com o presente de modo sério?

Situação atual em relação à esperança

Fala-se muito de esperança porque estamos numa situação de muito desespero, de muito medo, de muita angústia, de muita ansiedade.

Há um império do racional, do programático, do estrutural sobre o livre, o criativo, o imprevisível, o original, o espontâneo. O homem sente que seu mundo livre e criativo está profundamente ameaçado, naquilo que ele tem de espontaneidade, pelo pensamento calculista, probabilístico. Esperar se coloca na linha da criação livre e não programada. Se tudo já está de antemão previsto, predeterminado com rigorosos métodos, não há mais campo para esperar, pois em última análise já não existe mais futuro. O futuro se torna presente. A novidade do futuro não vem de ele ainda-não-ter-acontecido, mas da novidade, imprevisibilidade. Aquilo que se programa com abso-

luta certeza já é presente. Só é questão de aguardar alguns minutos, horas, dias ou anos. Mas a realidade virá na sua programaticidade [3].

O mundo racionalizado, organizado, computadorizado cria uma consciência de que ele já resolveu ou, pelo menos, pode resolver **todos** os problemas do homem. É só questão de um pouco mais de tempo. Não fica campo para a esperança. Como se pode esperar aquilo que tenho certeza de que já consegui manipular, fazer, programar e só me falta colocar o programa num computador para que a coisa se faça?

Nesse esquema de intelecção do mundo, o futuro **não é mais criação** no sentido verdadeiro da palavra, fruto da liberdade humana, ainda que condicionada mas que ultrapassa os condicionamentos nos seus momentos criativos. É **resultado** dos cálculos de probabilidade, feitos pelo homem. Este se torna ciente de que lentamente consegue eliminar o campo do mistério, para transformar tudo em ciência. Ora a esperança acontece não no mundo da ciência, mas do mistério, fundamento mesmo e último da própria ciência. A crise que a mentalidade científica levanta afeta a própria raiz da compreensão do mistério. Este fica reduzido ao campo do ainda-não desvendado e realizado pelo homem, mas que o será. É questão de tempo. No momento em que cessa a possibilidade do mistério, desaparece o campo da esperança. Ela caminha em direção ao mistério, pois seu

ponto de apoio está nas promessas de Deus, o único verdadeiro mistério.

A **crise da liberdade**, que se sente hoje de modo agudo, retira **no nível individual** ao homem espaço para esperar. Certa concepção psicanalística levada a suas últimas consequências tem a pretensão de que nada se faz de gratuito. Tudo tem uma motivação que lhe explica totalmente a razão de ser, de modo que o criativo, o livre, o gratuito, como não tendo outra explicação que a liberdade, gratuidade, criatividade do homem pertence ao mundo do pré-científico, do ingênuo. O que o homem fará amanhã, já existe, ainda que ele não o saiba. Mas conhecendo todos os fatores que atuam sobre ele podemos prever, pré-anunciar aquilo que ele fará e escolherá.

A liberdade é a mola da esperança. Não se espera, se não se é livre. No mundo do determinismo, do pré-fabricado, só pode existir "aguardar a realidade-a-vir", mas não esperar. Infelizmente no nosso linguajar diário, não distinguimos "aguardar" de "esperar". Isto nos leva a dificultar a intelecção da realidade profunda da esperança.

"Eu espero um amigo que já saiu de casa ao meu encontro", mas que só não viria até mim se houvesse algum acidente pelo caminho. Dentro de mim existe o sentimento de expectativa de algo que se realizará dentro de momentos. Já está em curso. Já é pré-conhecido.

No fundo não estou à espera do amigo. Ele já é "meu" nesse encontro. Só faltam os metros que

As pesquisas suscitam profunda desconfiança na liberdade do homem, seja no plano individual, seja no plano social.

nos separam. É já presente. Não se distingue a não ser linearmente do pequeno futuro, que é seu caminho até mim. Não se trata de esperança, mas de expectativa, de aguardar uma situação já em curso de realização e que em momentos se concretizará. Só se pode falar em tal exemplo de esperança, se considerarmos a gratuidade do dom da visita da parte de meu amigo. Dom esse fundado unicamente na sua amizade, benevolência, amor e não num cálculo de minha parte. Aí a expectativa se torna esperança. Entrando o elemento liberdade, surge o fator esperança. Enquanto era somente um esperar material da chegada, não havia campo para a esperança. Não havia jogo de liberdade.

A liberdade é a pátria natal da esperança.

Quanto menos o homem se entende livre, menos sente capaz de esperar, pois o espaço de sua gratuidade diminui. A esperança se coloca na linha do gratuito.

A liberdade do homem se sente ainda mais radicalmente ameaçada por uma concepção vulgarizada de que o homem procede, se comporta unicamente em função dos condicionamentos que sofre, seja de reforço como de extinção. Nesse caso o homem pode ser manipulado como pequeno animal.

Como então falar de esperança? O esperar se coloca para além do puro animal, pertence à região do transcendental no homem. A esperança é sinal manifestativo da transcendência do homem. Onde essa transcendência é anulada, desaparece a possibilidade de esperar [4].

Não menos violentamente, a esperança é hoje minada pela **crise de liberdade no plano social**. O homem, ao desacreditar-se de sua própria liberdade individual, sentindo-se antes fruto de motivações inconscientes ou de condicionamentos, não está preparado para reagir a todo um ambiente social que lhe diminui ou mesmo anula a liberdade. Cria-se a consciência comum de que o homem cada vez é mais incapaz de encontrar seu destino, sem cair em radicalizações nocivas para ele mesmo.

A complexa situação atual leva o homem a desatinos, de modo que então se justifica uma limitação e anulação de seu campo de liberdade. Outros mais preparados tecnicamente traçar-lhe-ão o roteiro e cumpre-lhe segui-lo. Assim se cria a consciência de que, na complexidade e dificuldade dos fatores que são envolvidos na história humana, não cabe outra alternativa que a limitação do campo da liberdade do homem comum, transferindo para poucos peritos e técnicos as deci-

sões principais e concernentes ao destino do homem.

Assim está minado na sua raiz o espaço da esperança. O mundo será programado por peritos, por especialistas técnicos, que conhecem os fatores decisivos da política, da economia, da vida humana. Ao homem comum, cumpre aguardar os resultados. Não precisa mais esperar, pois tudo já está previsto. A esperança se transforma em expectativa de algo já em curso, não fruto de sua criatividade, de sua liberdade, que crê no amor das promessas de um Deus-Liberdade e libertador. Tal seria uma concepção primitiva e pré-científica, não mais de acordo com uma intelecção de si e de seu relacionamento com os homens e com o mundo.

A **biologia** ainda vem confirmar mais essa **consciência de que o homem tende a tornar-se um ser programado**. As pesquisas feitas na linha da decifração do código genético e da possibilidade de transmitir por via farmacológica elementos que vão influenciar no próprio comportamento do homem suscitam profunda desconfiança da liberdade do homem, no plano individual e social.

Até que ponto o homem poderá ser comandado, criado pelo próprio homem, tendo sua personalidade controlada e falada por meios bioquímicos?

Esta pergunta não deixa de causar problemas para o homem, e dar-lhe uma consciência mais crítica de sua liberdade. Por isso, na medida em que a liberdade é ques-

tionada pelas ciências, bioquímicas e psicológicas, e pelas situações concretas históricas, o homem atual corre o perigo de sentir-se objeto indefeso diante de forças incontroláveis [5].

O homem primitivo sentia-se fraco, carente de autonomia, com mínima consciência de liberdade, porque se percebia dominado pelas forças da natureza. Com o progresso das ciências, começou a criar-se uma consciência de domínio e liberdade sobre o mundo material. Mas esse mesmo progresso está gerando hoje uma situação, apesar de todo o paradoxo, semelhante a do homem primitivo: impotência diante de forças que ele mesmo desencadeou. O progresso de conscientização levou o homem a uma carência de consciência de si.

Falência de grandes utopias

A euforia de liberdade, de domínio sobre si e sobre o mundo, se vê minada na sua raiz por técnicas que o homem criou, desenvolveu, mas que agora se voltam contra ele, tirando-lhe o domínio de si e do mundo. Tremendo paradoxo do homem e sua história! Quando parecia que tinha tudo para ser mais livre, porque não estava mais escravizado às leis fixas e estáticas da natureza com suas inclemências se vê de repente preso de forças que ele mesmo desencadeou, de recursos técnicos que inventou.

Gerou-se uma **situação de profunda insegurança**, até as raias do desespero. Há um crescente des-

controle sobre os objetos, criados pela inteligência humana. O esforço do homem na história foi adquirir uma relação de equilíbrio consigo, com seus irmãos e com as coisas que o cercavam. Na medida em que ele ia transformando as coisas em objetos ia tomando consciência de seu domínio sobre o mundo. Agora, entretanto, sente que o objeto, criado por ele, se multiplica de tal modo que já lhe escapa do domínio e adquire tal poder sobre o próprio homem que lhe cria angústia. Esse desequilíbrio aparece sob a forma de poluição do ambiente, superarmamento, armas nucleares. Numa palavra, o homem sente-se tremendamente imaturo para controlar o poder que criou.

Há uma perigosa desproporção entre sua maturidade psíquica e a força que possui. A cada momento estamos lendo nos jornais o efeito dessa experiência. Metralhadoras postas nas mãos de homens irresponsáveis gerando mortes. Explosivos ao alcance de marginais que destroem. Enfim, é o homem que se tornou de repente capaz de destruir a si mesmo, a humanidade com as poderosas armas que construiu. Isto está entregue à sua responsabilidade e maturidade. Ele não está à altura de tal. Basta ver a quantidade de guerras que ele tem gerado com armas de alta capacidade destrutiva e de sofisticação técnica refinada.

O enorme poder de que dispõe o homem, numa espiral ascensional imprevisível, fica entregue muitas vezes, nas mãos de interesses restritos, que podem manipular,

praticamente toda a humanidade. Tal situação não deixa de ser uma gigantesca ameaça para todos os homens e um risco que o leva à beira do desespero. Que significa esperar diante de tal força que escapa totalmente à nossa influência, ao nosso campo de ação? Sentir-se indefeso diante de tal realidade e esperar, não é uma maneira de mentir-se a si mesmo, de racionalização? Esperar não é portanto, uma posição irrealista, ingênua, que desconhece a situação atual de poder do homem?

Estamos assistindo à **falência de grandes utopias**, deixando o homem no vazio amargo do nada. Uma sociedade sem classe, de pura fraternidade é tão irreal como uma sociedade de bens de consumo em que o homem se realizará por meio do uso abundante de toda espécie de bens materiais. Onde tais sociedades são concretizadas, encontramos o mesmo homem angustiado, tediado, insatisfeito.

Em todas as sociedades, o homem percebe que não existe sua sonhada liberdade, igualdade, fraternidade. São palavras, mas na realidade sofre o homem a manipulação, a restrição de sua liberdade em setores importantes e fundamentais, a discriminação odiosa, a exploração de seus desejos para em última análise beneficiar a um grupo pequeno de interesseiros [6].

A **própria mística do progresso**, que animou o início do desenvolvimento de tantos países e os levou a alto nível de riqueza, e que ainda parece ser para muitas regiões uma mola propulsora, entra

em crise diante do monstruoso problema da poluição, como ameaça de auto-destruição da humanidade. O progresso econômico não resolve o problema da felicidade, da realização do homem, pois vemos e lemos cada dia em países altamente desenvolvidos crescer a taxa de suicídios, fenômenos de contracultura, sinais de insatisfação pela entrega ao erotismo, aos tóxicos e com movimentos de massa em forma de greves, protestos sobretudo da juventude. Não era de esperar que onde reinasse a abundância de bens, o homem se sentisse ainda insatisfeito, em busca de mais, protestando [7].

Tudo que existe não é a solução. Nenhuma utopia presente responde ao homem. Tal situação gera um descrédito no próprio homem, uma queda de sua auto-confiança, um cepticismo doloroso. O próprio cristianismo, na sua forma histórica concreta, aparece para muitos como demais comprometido com o ocidente capitalista, não isento de formas alienantes. Gera-se então um descrédito em sua força transformadora do mundo [8].

Faz frio num mundo em que Deus morreu

Neste mundo atual, a **esperança** se encontra **no banco dos réus**. O pensamento técnico-científico esfacela o pensar de totalidade e a idéia que o homem se fazia de si mesmo. Seu saber se transforma cada dia num saber mais de cada vez menos. Perde a idéia de conjunto, **humus** da esperança. O homem absorve o melhor de suas

energias, preocupações na produção de bens de consumo, vivendo a curto prazo com felicidades comercializadas, induzidas de fora, mas que não respondem a seus anseios profundos e permanentes.

Não sobra tempo para esperar. Não sobra campo para esperar, pois os bens materiais descem em abundância, em imenso dilúvio, sobre o pequeno homem. Enfim, como pode esperar o homem num mundo onde a mentira é industrializada, onde a verdade se deixa manipular anulando-se a si mesma, onde o interesse faz a verdade, onde enfim a propaganda insere para dentro do sistema qualquer elemento estranho, crítico, fazendo-o um elemento seu?

Faz frio num mundo em que Deus morreu [9]. Nesse inverno, o homem encontra pouco campo para esperar um verão de amor vindo das promessas de Deus, porque ele se crê o criador do inverno como do verão.

Em conclusão dessa primeira reflexão, podemos perguntar-nos se essa inquietude radical, essa tentação ao desespero é somente circunstancial, acentuada pelo momento atual ou tem uma raiz mais profunda e séria, no próprio ser do homem?

Pode o homem esperar? Ou é a esperança um charlatão que nos engana sem cessar de tal modo que a felicidade só começa quando a perdemos [10]? Ou a esperança é enganadora e só é boa para levar a cabo uma vida por um caminho agradável, mas ilusório [11]?

**A esperança é a grande surpresa.
Esperar é sublime.**

Embora a situação atual pareça levar o homem antes ao desespero que à esperança, pareça ser alheia e mesmo hostil à esperança como realidade alienante e que não encontra nela espaço de existir, entretanto nesse século temos ouvido muitas vozes de esperança. "A fé, isto não me espanta. A caridade, isto não me espanta. Mas a esperança, diz Deus, eis o que me espanta" [12], escrevia Péguy no início da segunda década desse século. A esperança é a grande surpresa. Crer, dizia Péguy, diante de tantos sinais da grandeza, da maravilha de Deus, espalhados por todo o universo, não parece nada de tão sublime. Amar, vendo a grande miséria e fraqueza do homem que está ao nosso lado, parece natural. Mas esperar, isto é sublime.

Quando a Europa se sentia profundamente ameaçada pela segunda grande guerra, G. Marcel refletia filosoficamente sobre a esperança como recusa do fatalismo [13]. A esperança se situa para G. Marcel, no mundo do ser e não do ter. O plano do ter é o do medo, do desejo, da inclinação de gozar pela posse dos objetos, dinheiro, sucesso, poder, conhecimento, habilidades, com uma consequente aversão ao sofrimento correspondente à privação de tais objetos. Busca-se ser mais, tendo mais.

O plano do ser se refere à pessoa. Aponta para o crescimento, para plenitude do ser, para a di-

mensão da salvação. Afirma-se o ser mais, não pela posse, não pelo ter mais. A esperança acontece no mundo do ser, da pessoa, da realização pelo crescimento pessoal e plenitude de si.

A esperança germina no terreno da prova. Surge como alternativa de resposta à situação intolerável e sem saída, em contraposição à solução do desespero. A prova não é uma realidade episódica, mas uma dimensão da existência. Todo homem é colocado diante da prova. Daí que terá que assumir uma resposta de esperança ou desespero. Ele percebe o contraste entre suas aspirações e a realidade do mundo.

Diante da prova, do desafio da vida, em que todo homem é colocado, o homem pode ter duas atitudes diferentes. Uma seria de procurar a superação da prova pela ciência, pela técnica, pela análise histórica, pelo cálculo de probabilidade, pela programática, pelo poder do conhecimento, pelo planejamento, pela futurologia, pelo progresso, pela força das ciências.

A esperança não se situa nessa linha de solução. Isto é válido para o mundo do ter e não do ser.

Outra atitude seria a da acolhida do mistério, como última solução, em reação ao orgulho humano de tudo dominar pelo seu saber. Trata-se de um saber para além do não-saber. É um saber profético, uma memória do futuro, uma fé numa dimensão de salvação escatológica.

A esperança se situa nessa perspectiva. Ela é uma atitude diante da qual o tempo está sempre aberto e nunca fechado. Recusa o fatalismo, o determinismo, o fixismo programado, aceitando sempre uma saída, mesmo na inviabilidade de uma situação concreta [14].

Se G. Marcel foi no mundo existencialista o grande filósofo da esperança, entretanto quem veio realmente despertar-nos para a importância da esperança como princípio motor da história foi E. Bloch com sua obra **Princípio-Esperança** [15]. É uma verdadeira antologia da esperança respingando tudo que de sério se escreveu sobre esse tema e elaborando uma reflexão séria sobre tal realidade, dentro do horizonte marxista. Sua obra publicada na metade da década de 50, desencadeou dentro da teologia, protestante e católica, um interesse renovado pela esperança. E. Bloch mostra como o homem vive na medida em que aspira a, em que se projeta, em que é futuro [16]. A esperança é, em última análise, um transcendental do homem, no sentido de uma estrutura do acontecer de seu existir [17].

Os ecos de esperança se fizeram soar dentro da teologia sobretudo através de J. Moltmann com sua obra: **Teologia da Esperança** [18]. Procura eliminar a idéia de esperança como alienação, como um falar de realidades celestes para esquecer o compromisso com a terra, na clássica acusação de Nietzsche. Valoriza o aspecto crítico da esperança.

Nessa mesma linha, está outro teólogo protestante Rubem Alves

com sua obra **“Teologia da Esperança humana”** [19]. No meio católico, J. B. Metz com a **Teologia Política** procura recuperar elementos válidos da esperança, numa linha crítica [20].

A palavra-realidade “esperança” invade também o campo da política, da pregação, da poesia, da música, do teatro. G. Bernanos escrevia que para encontrar a esperança, é necessário ter ido para além do desespero. Quando se vai até o extremo da noite, encontra-se uma outra aurora” [21]. Parece que o homem moderno, sob certo sentido, foi para além do desespero desse mundo que ele tem transformado, ora sensata, ora irresponsavelmente, de modo que nesse ir-além do desespero começa a redescobrir a dimensão esperança. As primeiras reflexões desse trabalho quiseram sobretudo mostrar como o homem de hoje se encontra nessa condição-limite, perto do desespero, de uma situação-sem-saída, e que, em fazendo tal experiência, se desperta para a esperança.

**Crer no amor
é, exatamente, esperar**

M. L. King num de seus célebres discursos afirmava, num embalo de esperança:

“Asseguro-vos, meus amigos, que apesar das dificuldades e dos contratempos da hora atual, tenho ainda um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Sonho que um dia, sobre os montes rubros da Geórgia, os

filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos proprietários de escravos, se sentarão juntos em volta de uma mesa de fraternidade. Sonho que um dia, também o estado de Mississipi, deserto cheio de brumas pelo calor da injustiça e da opressão, se transformará num oásis de liberdade e de justiça. Sonho que um dia os meus quatro filhos poderão viver numa nação em que não serão julgados pela cor de sua pele, mas sim pela índole do seu caráter" [22].

São palavras carregadas de esperança no verdadeiro sentido, porque ditas dentro de um contexto em que tudo parece falar e prever o contrário. É na força da fé que essas palavras proféticas ecoaram diante de 200.000 pessoas, em Washington em 1963. Os anos passaram, mas essas palavras traduzem uma esperança que chega até nós, mais de 10 anos depois.

No campo do teatro e filme, **O Homem de la Mancha** vem retratar um profundo desejo de esperança que existe no homem.

"Sonhar o sonho impossível. Lutar contra o inimigo invencível. Suportar a tristeza insuportável. Chegar aonde os heróis não chegam. Corrigir os erros irreparáveis. Amar além do amor puro e casto. Lutar com os braços já esgotados. Alcançar a estrela inatingível".

Em todos esses versos, vemos o campo da esperança: superar uma situação, dentro de nossa percepção, inviável crendo numa força, que em última análise é o amor. E crer no amor é exatamente esperar.

Conclusão

Este é o paradoxo do momento atual. Toda uma situação que nos fala da impossibilidade de esperar. O mundo se apresenta racional, programado, planejado até os seus mínimos detalhes. Que se pode esperar então? O homem se sente ameaçado pela sua própria técnica, seu progresso, causando-lhe um sentimento de impasse e até mesmo de desespero. Como esperar no meio a tanto ceticismo? As grandes utopias que atraíram e engodaram milhões começam a mostrar sua ineficácia, sua falência, deixando o homem na desilusão sem esperança. Ruiu aquilo que era para eles um baluarte, uma mola propulsora. Enfim, o homem de hoje ouve de todos os lados acusações contra a esperança.

Mas doutro lado a esperança se torna motivo de reflexões filosóficas e teológicas. Surge como motivo de discursos, de teatro, de música. O coração humano indo até o extremo do desespero começa a redescobrir a esperança. É nesse espírito que começaremos essa série de artigos, procurando mergulhar-nos na situação atual e encontrar os lampejos de esperança que aí existem e à luz das promessas de Deus formuladas e vividas na Escritura, e sobretudo a partir da realidade da ressurreição de Jesus Cristo, entender a nossa existência na dimensão teológica da fé, esperança e amor.

NOTAS

1. CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, **Seleta em Prosa e Verso**, Col. Brasil Jovem.
2. R. ALVES, **Religião, Opio o Instrumento de Libertação?** Trad. esp. Terra Nueva, Montivideo, 1970.
3. K. RAHNER, **Über die Theologische Problematik der neuen Erde**, em: *Schriften zur Theol.* VIII, 580-592.
4. M. MÜLLER, II. **Zur Philosophie der Freiheit**, em: *Sacramentum Mundi. Theol. Lexikon für die Praxis*, Freiburg 1968, II, 77-95. B. SKINER, **Ciência e Comportamento Humano**, Ed. Univ. Brasília.
5. J. MONOD, **Le Hasard et la Nécessité**, Paris 1970. Tradução Vozes Petrópolis.
6. K. WOSCHITZ, **Utopie**, em *Sacramentum Mundi*, Freiburg 1969, IV 1122-1140.
7. DIVERSOS, **Theology meets Progress**, PUGregorian, Roma, 1971. J. ALFARO, **Teologia do Progresso Humano**, Trad. bras. Paulinas. Caxias do Sul, 1970.
8. J. ALFARO, **Esperanza Cristiana y Libertación del Hombre**, Herder, Barcelona, 1972.
9. R. LAURENTI, **Nouvelles Dimensions de l'Espérance**, Paris, 1972.
10. CHAMFORT, **Maximes et Pensées sur les sentiments XIX**, em: R. Laurentin, o.c. p. 19.
11. LA ROCHEFOUCAULD, em: R. Laurentin, o.c. p. 19.
12. CH. PÉGUY, **Le Porche du mystère de la Deuxième vertu**, dans: *Oeuvres poétiques complètes*, Paris 1948, 169-175, em: R. Laurentin, o.c. p. 18.
13. G. MARCEL, **Semaine des intellectuels catholiques**, 24-31 mai 1951, Ed. de Flore, 1951, em: R. Laurentin, o.c. p. 68.
14. R. ALVES, **Religião: Opio o Instrumento de Libertação?** Trad. esp. Terra Nueva, Montivideo 1970.
15. E. BLOCH, **Das Prinzip Hoffnung**, Frankfurt 1959.
16. E. BLOCH, o.c. p. 2.
17. J. ALFARO, **Esperanza Cristiana y Libertación del Hombre**, Herder, Barcelona 1972, pp. 15-32.
18. J. MOLTSMANN, **Teologia da Esperança**, Trad. bras. São Paulo, 1971.
19. R. ALVES, **Religião: Opio o Instrumento de Libertação?** Trad. esp. Terra Nueva, Montivideo 1970.
20. J. B. METZ, **Théologie Politique et Liberté Critico-Sociale**, em: *Concilium*, n.º 36 (1968) 9-25; id. **L'Eglise et le Monde**, em: *Théologie d'aujourd'hui et de demain*, Paris 1967, pp. 139-154; id. **Politische Theologie**, em: *Sacramentum Mundi*, Freiburg Herder 1969, t. III col. 1232-1240.
21. G. BERNANOS, **La Liberté, pour quoi faire?** Paris 1953, em: R. Laurentin, o.c. p. 17.
22. M. LUTHER KING, **The SCLS Story**, Atlanta Southern Christian Leadership Conference, 1964, p. 51, em: H. COX, **El Cristiano como Rebelde**, trad. esp. Barcelona 1970, pp. 60 ss.

Introdução

Nas incertezas da nossa época, muitos que se dedicam à Pastoral no mundo do enfermo, desejam uma orientação e algumas sugestões concretas para as suas atividades junto ao leito do enfermo. Prestaríamos um bom serviço aos que neste campo trabalham como também aos próprios doentes, se apresentássemos linhas claramente definidas?

Numa situação concreta deve-se agir partindo de certa atitude, confiando que no momento se percebe aquilo que é salutar para o enfermo. Neste artigo tentaremos esboçar umas linhas que poderão servir para uma visão melhor e para um acompanhamento mais atualizado do enfermo. Para este mundo do doente, porém, respostas pré-fabricadas não poderão ser dadas, porque se trata de um contato individual com pessoas, que são completamente diferentes uma das outras. Será, portanto, impossível dar respostas uniformes à tantas perguntas variadas.

Queremos, pois, ajudar um pouco a todos que trabalham nesta área: sacerdotes, religiosas e leigos, para que possam ser capazes de estimular a Igreja a desempenhar a ação eficiente junto ao enfermo e para que se aperfeiçoem mais para este serviço, de acordo com as exigências do mundo em que vivemos agora.

O pronunciamento de Elisabeth Barnes no seu livro **"People in Hospital"** vale também para o nossa realidade. Ela diz: "O papel do religioso no hospital é compreendido

PE. ADRIANO BACKX, CSSR

RENOVAÇÃO PASTORAL NO MUNDO DO ENFERMO

só por algumas pessoas. Verificam-se o acanhamento e certa repugnância da parte do pessoal. Frequentemente as instituições religiosas e seus representantes oficiais não são capazes de explicar bem o que têm a dizer e o que desejam fazer". Não existe uma imagem bem clara do

**Compete aos sacerdotes,
enquanto educadores
da fé,
cuidar, por si,
ou por outrem,
que todos os fiéis,
portanto também o enfermo,
cheguem no Espírito Santo
a cultivar a vocação
pessoal segundo o Evangelho,
uma caridade sincera
e operosa e a liberdade
pela qual Cristo
nos libertou,
Presbyterorum Ordinis,
número 6.**

papel do religioso no hospital e infelizmente existem poucos estudos sobre este assunto.

Este artigo pretende oferecer uma contribuição para que o religioso, o orientador pastoral, compreenda melhor a sua valiosa missão junto ao enfermo e seja menos considera-

do como um "corpo estranho" pelo corpo médico e pelo serviço de enfermagem. Podia se pensar em estender o assunto para o campo imenso da saúde: os doentes em casa, problemas urgentes de uma Pastoral de Saúde dentro de uma realidade como, por exemplo, a Nordeste onde ainda domina "a morte de fome um pouco por dia" (**Morte e Vida Severina**), mas então seria, antes de tudo, necessário que todos refletissem sobre o Documento de Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste: "**Eu ouvi os clamores do meu povo**", de 6 de Maio, 1973.

Por enquanto me limito, propositalmente, à Pastoral Hospitalar, para poder aprofundar uma atitude que, uma vez adotada e vivida, se estenderá necessariamente à uma área mais ampla e mais necessitada de ação corajosa. O conhecimento realista da existência do enfermo com todos os seus problemas de salário de fome, de alienação, de subnutrição etc. provocará indubitavelmente uma atitude correspondente ao referido Documento e assim se chegará a sentir a urgência da Palavra de Deus: "Eu vi a aflição do meu povo e ouvi os seus clamores por causa dos seus opressores. Sim: eu conheço os seus sofrimentos" Êx 3, 7.

1) A Voz da Igreja nos Documentos do Vaticano II

No Decreto Conciliar **Presbyterorum Ordinis** lemos: "Embora sejam devedores a todos, os presbíteros todavia aceitem como confiados a si de modo particular **os pobres**

e mais humildes, aos quais o próprio Senhor se associou (Mt 25, 34-45) e cuja evangelização é dada como sinal da obra messiânica. Mostrem enfim a **maior solicitude para com os doentes e agonizantes** visitando-os e confortando-os no Senhor", P. O. n.º 6 (Compêndio do Vaticano II, E. Vozes. 1968 p. 450).

Pela constituição **Lumen Gentium**, porém, somos levados a contemplar a Igreja como "Povo de Deus", constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade. É por Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro com luz do mundo e sal da terra." L G, n.º 92 (Compêndio do Vaticano II, p. 49). E mais adiante: "Cristo Senhor, Pontífice tomado dentre oh homens (Cfr. Heb 5, 1-5), fez do novo povo "um reino e sacerdotes para Deus Pai". "Por isto todos os discípulos de Cristo por toda parte dêem testemunho de Cristo", L G, 10 (Compêndio, p. 50).

Até há pouco identificávamos a presença da Igreja no meio hospitalar e no campo de saúde com a presença do sacerdote ou do religioso. Porém, com a consciência crescente de que a Igreja somos nós cristãos, cresce também a responsabilidade de ser um sinal vivo, isto é: ser apóstolo no seu próprio meio. Onde a pastoral dos hospitais não ser restrita ao Capelão, às religiosas, mas é de todos os que se sentem coresponsáveis pela saúde dos enfermos e, numa atitude cristã, se consideram coresponsáveis pela Pastoral Hospitalar.

De fato pertence à Igreja local incumbir alguns dos seus membros do colégio dos seus ministros do cuidado pastoral dos enfermos. Entretanto, para que este cuidado pastoral seja efetivo, precisa-se de uma co-responsabilidade de todos que se dedicam profissionalmente ao cuidado do enfermo, isto é, principalmente o conjunto dos médicos e das enfermeiras.

2) A situação atual da Pastoral no mundo do enfermo

Vejam os primeiro como esta Pastoral específica se apresenta atual e globalmente. O Pe. F. Lepargneur O.P. escreveu sobre este assunto um bem fundamentado artigo na Revista "Présences" (1971) p. 27. Suas constatações nos fornecem um vasto material para refletirmos sobre aquilo que se faz hoje nos hospitais para os doentes.

Conforme o autor, verifica-se na realidade hospitalar que o pessoal, religiosas e enfermeiras leigas, tem uma sobrecarga de trabalhos e que não sobra tempo para se dedicar à certas atividades pastorais. Pergunta se as irmãs hospitalares foram realmente beneficiadas com a instrução e renovação como as religiosas que se dedicam ao ensino? Para que logo ressalte também a boa vontade das mais conscientes, o autor cita "as recomendações aos serviços de enfermagem" aprovadas pelo Congresso Nacional dos enfermeiros e das enfermeiras, Brasília-Junho, 1967. São as seguintes:

a) Constituir, onde não existe, uma equipe pastoral médica, procurando a colaboração do Corpo Clínico, da Administração e de todas as escaladas do Serviço de Enfermagem.

b) Esforçar-se para renovar a mensagem cristã, em perfeita harmonia com o conteúdo do Evangelho e da Liturgia, para ajudar os doentes a resolverem os problemas inerentes à sua doença.

c) Colaborar intensivamente para que se assegure junto ao doente um serviço profissional competente, de acordo com uma consciência profissional irrepreensível.

d) Aceitar a missão de transmissora da palavra de Deus, respeitando sempre a liberdade de cada um como Deus a respeita.

Estas recomendações são realmente de grande valor e abrem novas perspectivas para uma Pastoral mais atualizada e renovada, mas não podemos dissimular que a realização destas conclusões fica muito limitada a um grupinho de pioneiros aqui e acolá. A atualização se encontra ainda numa situação bem modesta.

A respeito da maioria dos capelães constata-se que são Padres idosos ou de saúde precária que se retiraram da vida ativa e cansativa da pastoral paroquial. Quase sempre vivem isolados e bastante alheios aos problemas atuais da Igreja e do mundo e não têm a mínima idéia que na época atual (e no futuro próximo isto será cada vez mais urgente) se exige para esta Pastoral específica pessoas compe-

tentes. Também os que dirigem e orientam as Igrejas locais não estão suficientemente convencidos que nos grandes centros, onde temos grandes e moderníssimos hospitais, se exige para a assistência religiosa aos doentes uma equipe de sacerdotes, etc. que estudam seriamente os problemas hospitalares, a psicologia do enfermo, a maneira como abordar o doente, o método de aconselhamento, isto é, o acompanhamento cientificamente fundamentado, principalmente quando se trata de enfermidade grave e fatal.

Pelos resultados de um inquérito efetuado pelo pessoal do Curso da Pastoral dos enfermos em 19 Hospitais da Guanabara e em questionário enviado aos hospitais de diversos Estados do País, percebemos as falhas da atual Pastoral Hospitalar. Em termos gerais constatou-se que o conteúdo desta pastoral é normativo e piedoso. Os temas mais frequentes são: sacramentos; misericórdia de Deus; mudança de vida; atitude face à doença; conformista. O método usado na catequese: o contato pessoal, mas também o uso da catequese coletiva nas grandes enfermarias, tendo em vista a recepção dos sacramentos. As exortações são de um teor moralista.

Um tal processo de evangelização deve ser defeituoso, pois abusa-se da sugestionabilidade dos pacientes e é quase sempre uma ação transitória, pois não tem continuidade pela inserção eclesial após o alta. A liturgia não mostra uma coerência de ritmo entre a ação litúrgica e a ação evangelizadora.

Irmã Nívea Padin OP resume todas essas deficiências em três

que revelam com uma incontestável evidência as principais carências cristãs nos hospitais:

a) Falta de justiça a respeito dos que aí trabalham: quanto ao horário, aos contratos e ao cuidado do bem-estar dos empregados.

b) Qualificação insuficiente das religiosas hospitalares: 3000 diplomadas das 14.000 em atividade.

c) Imediatismo Sacramental.

3) Algumas pistas para uma renovação pastoral no mundo do enfermo

a) Como colocar uma pastoral no hospital, quando existe realmente uma equipe, um grupo de pessoas, das quais cada uma tem a sua tarefa própria junto ao paciente, mas que não se esquece que para o bem deste mesmo paciente deve haver um trabalho em conjunto. Desta maneira constitui-se a equipe hospitalar: uma equipe terapêutica, cujo objetivo é a cura do doente e cujas atividades giram em torno de um ponto central: o paciente.

Esta comunidade de trabalho, portanto, tem um objetivo muito próprio. Por causa disso também normas próprias. Dentro da equipe terapêutica constatamos certa hierarquia, cujo cume é ocupado pelo médico. Tudo no hospital deve ser subordinado ao seu parecer, às suas ordens, a fim de que se favoreça o processo terapêutico em benefício do doente. Neste conjunto o religioso, o orientador pastoral, não deveria ser considerado como uma pessoa à parte, que também faz alguma coisa mas então

por própria responsabilidade; que apenas é deixado à vontade para fazer as suas visitas, ainda que sejam de vez em quando desagradáveis e em momentos inconvenientes!

De fato, não é tão fácil para os médicos nem para o pessoal de enfermagem ver no Padre ou no religioso um colega. Entretanto o sacerdote tem o seu trabalho específico, com o qual o médico não tenha talvez uma ligação direta, mas se encontra no terreno dos médicos e deverá ter o seu lugar dentro da hierarquia dos médicos e do serviço da enfermagem. Seu trabalho, porém, não se dirige diretamente à cura do enfermo, pois isto pertence à competência do médico, mas está inteiramente à serviço, no sentido mais amplo, do **bem-estar** do paciente e isto é realmente importante também para os médicos e para todos que procuram dar ao doente **um cuidado integral**.

O orientador pastoral realiza a sua atividade pastoral dentro do conjunto das atividades realizadas pelos médicos e pelas enfermeiras e, por isso, deve procurar um lugar **dentro deste conjunto**. Infelizmente, ainda que existam alguns sacerdotes especializados, sente-se no nosso meio certa deficiência na formação dos capelães hospitalares e de todos os orientadores pastorais neste campo. Se todos tivessem uma sólida formação, então certamente iriam modificar o seu procedimento nas diversas unidades do hospital; sentir a obrigação de combinar com a enfermeira-chefe; ter mais compreensão pelo fato de que no hospital o cuidado pelo corpo é evidentemente mais acen-

tuado; sentir a necessidade de refletir com os outros, para que a sua pastoral se insira da melhor maneira neste ambiente; apreciar o grande valor do estudo, do treinamento, da originalidade e da criatividade.

Naturalmente, apesar da boa vontade de todos ficarão sempre algumas tensões quase inevitáveis. Dentro do conjunto hospitalar o religioso se sente um pouco isolado, por que os médicos dificilmente chegam a compreendê-lo. O sacerdote sempre é diferente do clínico, para o qual o paciente é objeto da sua ciência e técnica. O sacerdote não faz um tratamento mas se sente apenas solidário com o paciente na sua luta pela saúde e pela vida. Ele representa o mundo da fé e ajuda o paciente para encontrar Deus dentro desta situação dolorosa da sua vida.

O hospital se torna cada vez mais um lugar onde se realizam grandes feitos de progresso médicos realizados por um grande número de peritos e especialistas que receberam uma formação adequada. O Padre no meio deste pessoal de especialistas, enfermeiras, assistentes sociais, analistas, nutricionistas etc. constitui um contraste e parece ser um diletante. Será, porém, sempre bom lembrar-se da palavra de São Paulo:

“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em discursos persuasivos da sabedoria humana mas na manifestação do Espírito e do Poder Divino, para a vossa fé se não apoiar na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” 1 Cor 2,4.

b) A procura de melhores atitudes do religioso dentro do conjunto e junto ao leito do enfermo

A missão própria do sacerdote neste ambiente hospitalar é agir como representante da sua Igreja que o envia para representar o Cristo junto ao enfermo. Deve se esforçar para que o doente cresça incessantemente em Cristo; sentindo-se solidário com o doente, pode lhe dar mais coragem confiando-se a Cristo. Assim se vê como representar o Cristo é antes de tudo uma atitude que tem em si a possibilidade de mudar o “clima” do hospital. Do tipo de fábrica na qual se luta para ter uma boa produção, o hospital poderá ser modificado numa Casa Humana em todos os sentidos. Compreende-se portanto por que um cirurgião disse: “Precisamos de um Padre para o clima, para o espírito do nosso hospital.”

Um clima no qual o homem não é apenas um objeto do tratamento, mas alguém que luta para ficar humano dentro do seu sofrimento, relacionando-se cada vez mais com Deus. Neste mundo hospitalar o Padre não deve se justificar por inúmeras atividades, pois o mais importante é aquilo que ele é e não aquilo que faz.

Perante os problemas da vida e da morte, e as situações de uma vida na qual exatamente o sentido da existência está em jogo, a missão do sacerdote será sempre o anúncio da mensagem dada em Cristo acerca da existência humana. Assim se torna evidente que médicos, pessoal da enfermagem e todos os orientadores pastorais se encon-

tram e se necessitam uns dos outros no cuidado total do homem. Só partindo deste conceito de unidade, pode se constituir uma comunidade hospitalar eficiente em todos os sentidos. Todo trabalho sem este espírito de unidade e de colaboração fica de certa maneira prejudicial para o próprio paciente.

Numa maneira bem curiosa S. Paulo nos adverte contra os prejuízos da falta de unidade. Falta-va em Corinto uma comunidade autêntica e a celebração da Ceia do Senhor tinha se tornado um espetáculo de mau gosto. Então S. Paulo faz uma observação meio esquisita: "Por isso, há entre vós muitos enfermos e adoentados e muitos faleceram" 1 Cor 11,30. Por que esta ligação entre doença, falecimento e a degeneração da Comunidade na Ceia do Senhor?

S. Paulo não corta a vida em retalhos, mas insiste na unidade da vida. Isto é para nós uma sugestão a respeito da criação do clima hospitalar, pois uma vez que a unidade da vida é uma exigência fundamental, então podemos duvidar se um doente possa recuperar a sua saúde dentro de uma comunidade doentia, na qual há falta de união total de todas as forças.

Depois de termos colocado a posição, a atitude do sacerdote, da Pastoral, dentro do conjunto do am-

biente hospitalar com todas as suas implicações, devemos passar agora para as atitudes diretamente ligadas à pessoa do paciente. A definição da Pastoral já nos ajuda, pois esta é "o cuidado da Igreja pelo homem na sua situação concreta, para que a viva em Cristo" Ch. Gielen, *Présences* (1971) p. 42.

Não há melhor imagem do que a imagem bíblica do Pastor em Lc 15,4-6 e Jo 10, 3-4. Em Lucas é o Pastor que procura a ovelha perdida, a consola e encoraja, assiste na sua aflição e põe-na alegremente nos seus ombros. Ajuda para conservar sua existência. De fato é necessário que o orientador pastoral aceite o doente assim como ele é, com todos os seus sentimentos até de agressividade e de revolta; deve pacientemente acompanhá-lo; assistir e ajudar para que encontre um novo equilíbrio de acordo com a situação atual, principalmente na primeira fase da doença a qual é uma transição inesperada da saúde para a doença; da independência para a dependência; da atividade para a passividade.

Em casos de doença crônica, porém, precisamos adotar outro modo de acompanhamento, pois então devemos ser como o Pastor que chama as suas ovelhas pelo nome e as leva para fora. Vai adiante e as ovelhas o seguem, por que co-

nhecem a sua voz. Isto não indica uma atitude de resignação ou de mera adaptação, mas sugere uma procura de novas possibilidades dentro da sua situação mutilada.

No **Presbyterorum Ordinis** lemos: "compete aos sacerdotes, enquanto educadores na fé, cuidar, por si ou por outrem, que todos os fiéis, portanto também o enfermo, cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal segundo o Evangelho, uma caridade sincera e operosa e a liberdade, pela qual Cristo nos libertou." E mais adiante: "sejam ainda os cristãos treinados a não viverem só para si, mas, segundo as exigências da nova lei da caridade, a porem uns a serviço dos outros a graça recebida, desta forma, realizarem todos, de maneira cristã, sua tarefa na comunidade humana" **PO n.º 6.**

Um acompanhamento pastoral autêntico não faz do enfermo um mero objeto de ação pastoral, mas o convida para assumir a sua própria responsabilidade na construção do Reino de Deus. O sacerdote, como representante da Igreja, está junto ao leito do enfermo para ajudá-lo na aceitação da sua doença. Não pode ser uma figura autoritária que causa medo ou que paternalmente "bagateliza". Procura ser aquele que se aprofunda mais na pessoa do doente; esclarece dificuldades e ajuda para que ele encon-

tre um novo caminho. Não fala, porém, de uma maneira sugestiva como um pai que sabe tudo.

Tenta ser a mão que Cristo, por meio da sua Igreja, estende aos seus seguidores. Antes de tudo, um irmão, que também tem os seus problemas, e exatamente nestes mesmos terrenos: do sofrimento, do absurdo da dor e da morte: do "não-sentido" dos acidentes do trânsito e das doenças incuráveis acompanhadas por dores insuportáveis. O orientador pastoral é um mendigo que pode dizer ao outro mendigo onde talvez se encontre o pão. Isto exige dele, além do respeito pelo outro, um despojar-se interiormente e se apresentar diante do outro como pobre. Nesta altura só pode lhe oferecer muita simpatia e, se o outro aceitar, uma amizade desinteressada.

4) **Resumo e algumas sugestões.**

Resumindo, podemos afirmar que na nossa pastoral renovada trata-se de evangelizar, isto é, propor ou dirigir uma mensagem vivificante ao coração dos enfermos.

a) Isto exige a rejeição completa daquilo que causa medo, que separa e se apresenta como vindo de um "gueto cristão" e que faz do sacerdote "um personagem" de um outro mundo.

b) Isto requer também que se vá aos homens numa tentativa gratuita de amor e numa simplicidade de encontro de pessoas humanas.

c) Deve haver uma comunhão de destino, certa semelhança — irmão com irmão — no sofrimento e na alegria. “Fiz-me tudo para todos, a fim de, a todo custo, salvar alguns”.

d) Deve-se também progredir muito na amizade para poder respeitar profundamente a liberdade das consciências. Pois não é a todo e qualquer momento que Deus faz a sua visita e que o homem esteja disposto para recebê-lo. O próprio Senhor fala da hora da sua visita. Existe realmente um prazo de amadurecimento necessário para que a consciência se abra e as desconfianças desapareçam e as perguntas se manifestem. Muitas conversas aparentemente inúteis são de fato de grande valor para que alguém revele os problemas da sua vida.

Tudo isso justifica uma espera paciente que tem a sua origem no respeito pela liberdade do homem e pela liberdade do Espírito Santo. Não quer dizer que o orientador pastoral deva sistematicamente ficar calado, pois deve sempre existir uma grande disponibilidade para dizer a verdade e revelar a mensagem de Jesus Cristo no dia e no momento em que manifestarem o desejo.

Mas não fica bem oferecer a cada instante a “mercadoria cristã”, aproveitando da confiança conseguida. A nossa tática não pode ser, de forma alguma, um modo para dominar o paciente na sua fraque-

za. Sabemos que devemos apresentar um testemunho, propor uma mensagem, isto é, responder como amigo às perguntas feitas por um amigo, graças à uma abertura possibilitada pela nossa atitude humana e cristã. Somente assim será possível atender aos desejos do doente, à sua procura da luz, a qual encontramos plenamente em Jesus Cristo.

A missão do sacerdote

Diz o Pe. Louis Lochet no seu artigo: **Introdução à uma pastoral dos enfermos, Présences 81 (1962) p. 28:** “não podemos preparar dignamente os cristãos para a recepção dos sacramentos senão partindo de um contato pessoal, partindo dos acontecimentos e da vida situados no seu ambiente real. É sobre esta vida do enfermo que a Palavra de Deus e o seu amor devem jogar a sua luz. O encontro com Deus é sempre misterioso e desconcertante. Não vai com esquemas pré-estabelecidos.

Partindo dessas atitudes do orientador pastoral dentro do conjunto todo do hospital e junto ao leito do enfermo, podemos dizer algo sobre uma **Liturgia mais vivida**. A liturgia dos enfermos só pode ter sentido, se estiver inserida no cuidado total dispensado ao doente. Um rito isolado não pode ser suficiente para apresentar uma expressão adequada. Dentro dos nossos cuidados pelos enfermos, o sacramento não pode ficar restrito a uma ação puramente espiritual. O sacramento em si é muito mais

amplo e abrange muito mais. Os cuidados da sociedade e da Igreja dispensados ao enfermo, encontram a sua expressão fundamental não na forma de um ritual, mas nas pessoas que manifestam e revelam claramente estes cuidados.

Aqui pensamos explicitamente no empenho dos médicos, das enfermeiras, das assistentes sociais e das religiosas. Este empenho cuidadoso é o primeiro sinal pelo qual o Senhor Jesus está presente de uma maneira particular e real no relacionamento com o enfermo. Aqueles que com os seus conhecimentos e com a sua técnica cuidam do enfermo, constituem verdadeiramente um sacramento do Senhor.

Os sacramentos no "sentido estrito": confissão, comunhão e unção dos enfermos são prolongamentos deste cuidado individual. Somente partindo de um coração solícito, cuidadoso e delicado é que as mãos que ungem um doente, poderão administrar o sacramento da Igreja. Parece ser muito importante insistir neste ponto, pois a liturgia e a vida facilmente ficam distanciadas uma da outra, causando assim um grande prejuízo à liturgia a qual poderá se tornar um mero ritualismo.

A missão do sacerdote será, em diálogo com o doente — cultivando a palavra, o instrumento mais humano, mais precioso e também mais vulnerável — procurar o sentido do sofrimento e da morte. Pelo sofrimento o doente se sente quase sempre isolado e até certa altura prejudicado. Então o sacerdote deve acompanhar o enfermo para que ele descubra a Jesus Cristo, que

é o caminho que não conduz para um vazio ou para um abismo. Nesta suposição devemos dar a cada sacramento o seu cunho especial:

● A confissão tem o seu lugar dentro do colóquio pastoral entre o sacerdote e o doente e não pode servir apenas para aliviar, mas para descobrir a situação da vida e a aceitação da vontade de Deus.

● A Eucaristia é o sacramento por excelência, pela qual o doente se une ao Senhor padecente que pela paixão e morte encontrou a vida. Constitui também um sinal de união com a comunidade à qual o doente pertence.

● Unção dos enfermos: é o sacramento que admite a luta do doente, unido com Cristo no seu combate pela saúde e pela vida. Mas é também, e antes de tudo uma inserção cada vez mais profunda na própria vida do Cristo ressuscitado. A unção dos enfermos identifica o doente com Cristo padecente e com o Senhor ressuscitado. Aponto para a cruz mas também para a **Ressurreição**.

Finalmente podemos afirmar que o próprio doente é um sinal na comunidade cristã. Nele se renova o sofrimento de Cristo para a edificação da comunidade. O enfermo faz a comunidade progredir, pois é pelo sofrimento e pela morte que o Reino de Deus se realiza e isto não somente para o doente como pessoa individual mas também para a Igreja toda. Desta maneira o enfermo é sacramento de Jesus Cristo dentro da comunidade dos fiéis.

Conclusão:

A nossa conclusão não pode ser expressa melhor do que pela apresentação clara de esperançosas perspectivas para uma pastoral renovada no campo de saúde, feita pela Irmã Nívea Padin OP, em "Evolução histórica da ação pastoral no Brasil" CEPAS. DOC. 72/1 p. 40.:

● A ação pastoral chega à conclusão que, se todo o meio hospitalar não for cristianizado, o processo mesmo de cristianização dos enfermos será prejudicado. Percebe também que a um tempo necessita apoiar o enfermo em sua orientação espiritual, e treinar o pessoal hospitalar de maneira a sustentar esse apoio dispendido com o enfermo. Estrutura-se toda uma pastoral hospitalar cujos pilares são a **humanização** dos hospitais, atenta ao restabelecimento das relações humanas dos funcionários entre si e com os pacientes. Para tanto exigiu-se toda uma reorganização das estruturas hospitalares no sentido de melhoria do conforto físico e das condições de trabalho dos funcionários; no sentido do restabelecimento da legislação trabalhista onde ela era carente; no sentido da seleção de profissionais qualificados para seus quadros; no sentido enfim de uma educação sanitária dos pacientes e familiares, já desde seu período de internação.

● Aproveitar-se também das sementes lançadas pela ação pastoral das eras precedentes.

● Manter-se o apoio espiritual do enfermo, através de orientadores

pastorais qualificados para este trabalho de renorteamento do enfermo e complementação da recuperação integral em que estão empenhados todos os técnicos.

● Manter-se e aprimorar-se para isto o treinamento do pessoal hospitalar, dando-lhes uma dimensão pastoral.

● Aproveitar os voluntários (Legionários) treinando-os para o seguimento do paciente após o alta, em suas próprias residências.

Estamos convencidos que a doença é um mal que deve ser combatido. A doença tem algo a ver com a criação "que geme e sofre as dores do parto até o presente" (Rom 8,22). A doença tem que ver algo conosco também. "Maus como somos, sabemos dar coisas boas aos nossos filhos" Luc 11,13. Que todos os orientadores pastorais neste mundo do enfermo, apesar de todas as suas deficiências, se lembrem da palavra de São Paulo: — E Deus disse: "Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que a minha força se revela totalmente. Prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo" 2 Cor 12,9.

ANGELA MERICI, FUNDADORA DAS URSULINAS¹

Lançar e apresentar hoje uma vida de santa e fundadora, parece temerário num mundo secularizado. É, no entanto, tarefa urgente. A santidade é inerente ao ser e à missão da Igreja. Os santos variam no seu modo de apresentar-se. Há, porém, um filão constante em todos eles que permanece através dos séculos e que se traduz sobretudo pela sua atividade fundamental em face de Deus e dos outros homens.

Descobri-la e revelá-la a nós homens de hoje será viável, se o trabalho se fizer em termos atuais, atendendo às exigências, à objetividade, ao rigor crítico e científico, ao esforço de reconstrução leal do contexto histórico e cultural da época em questão. Só assim o homem de hoje se abalança a ler, porque ele espera então poder encontrar não a filtragem seletiva do autor, mas a PESSOA mesma do santo, em sua riqueza e pobreza, em suas

intuições sem tempo e em seu enraizamento no próprio tempo.

Foi bem assim o que conseguiu **Teresa Ledóchowska, O.S.U.**, neste seu livro admirável e sério: "**Ângela Merici e a Companhia de Santa Úrsula**" (1), que me é dado prefaciá-la em sua primeira edição brasileira (cfr. págs. I, 124, 125, 173).

Toda Ordem ou Congregação Religiosa hoje deve questionar-se sobre o seu ser e agir num mundo e numa Igreja que são conscientes não da mudança e transformação — que esta é sempre parte da História — mas da aceleração e irreversibilidade desta mesma transformação e mudança. Ela é fruto da comunicação intensa, do instrumental técnico que a potencia, mas sobretudo da convicção do homem de hoje, de que ele não mais sofre a mudança, mas se tornou agente criativo e espontâneo dela. Isto sa-

PE. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, S.J.
Presidente Nacional da CRB

cudiu o mundo e a Igreja. Nesta, vem despertando, um pouco mais ou menos lentamente, os institutos de vida religiosa, que vivem com a mesma Igreja, na estabilidade adquirida de quase quatro séculos, num esforço de sintonia insustentável entre a mensagem divina para todos os tempos e as coordenadas sócio-culturais de um tempo determinado que foi passando.

É exatamente na percepção deste fenômeno inquestionável que redescobrimos a atualidade dos Santos. Há em todos eles história do próprio Evangelho. Ela será por isso mesmo perenemente válida. Mas há também uma inserção histórico-cronológica, que os vinculou profundamente à época de sua vida. A consciência disto nos desperta para os aspectos anacrônicos de nossa própria vida, quando queremos transpor para a nossa época o que eles viveram em fidelidade à sua. Nesta medida mesma, somos infiéis ao nosso tempo e empobrecemos ou invalidamos o aspecto perene da intuição fundamental de nossos Fundadores.

Redescobrir a PESSOA do Fundador ou Fundadora, ser capaz de reencontrar a inspiração primigênea que a animou, é refazer com ela a trajetória de sua própria santidade. Num momento de sua vida e de sua história, no contexto concreto do mundo e da Igreja, o Espírito Santo falou a alguém. Não em ordem a duplicar ou multiplicar o que já existia. Mas, para fazer sentir um apelo novo, decisivo, capaz de empenhar uma vida e muitas vidas. As ordens e congregações surgiram

na sua maioria da coincidência de um apelo pessoal e de uma tarefa urgente na Igreja e no mundo. A Fundadora foi o ponto de intersecção de ambas, sensível a um e a outro.

Inseridos na História, os Fundadores foram quase todos pessoas profundamente enraizadas no seu tempo e espaço. Traduziram sua obra em dimensões do contexto que viveram. Foram, por isso mesmo, intensamente atuais.

Mas sua intuição superou não raro os horizontes do seu tempo. Identificá-la, purificá-la da ganga histórica, reter os valores reais, deixar cair as aderências e excrecências sociológicas que se lhe juntaram, é essencial para se redescobrir hoje o que deve ser válido para hoje, na mensagem temporal e supra temporal de um Fundador. Só nesta medida poderemos ser continuadores de sua presença e de sua missão e não meros seguidores de seus feitos, gestos, hábitos e modos de ser. Continuar é reassumir no próprio tempo, fiel a um passado e olhando para o futuro, o que no presente é válido do que passou em função do que vai ser. Continuar é reexaminar em coordenadas de presente as intuições que não têm tempo e as vivências que transcendem épocas.

O admirável em Ângela Merici, esta Fundadora que o Espírito tocou aos 60 anos, é a atualidade de sua inspiração. Consciente da corrupção de seu tempo, primeira metade do século XVI, em Bréscia, quando a alternativa para uma jovem era o matrimônio ou o claus-

tro, ela concebe um estilo de vida, que não é ausência, mas, pelo contrário, consagração presente ao mundo, dentro do mesmo mundo. Suas filhas deveriam santificar-se e agir por Deus vivendo no mundo. Deveriam ser **CONSAGRADAS**, cuja presença levaria à conversão as próprias famílias e ambiente. Quis o testemunho vivo de pessoas que podiam servir em tudo (Cfr. I, 109-118).

Ângela não tinha idéias preconcebidas sobre a fundação. Foi experimentando, consultando, confrontando (I, 114). Sobretudo, com sua extraordinária personalidade, marcada pelo Espírito, foi passando a muitas outras a chama de um ideal novo e em contraste profundo com os cânones de sua época, e, no entanto, resposta original e fecunda, a estes mesmos tempos (I, 116).

Nos afrescos do oratório do Prato, onde se reuniam as primeiras companheiras em 1533, transparece o propósito de remontar às fontes da Igreja, para captar uma água viva, capaz de dessedentar as necessidades e angústias de um século corrompido, fora e, não raro, dentro do próprio claustro (I, 114). As dificuldades para as jovens de menos recursos de se votarem ao Senhor, devido ao dote e às implicações sociais e políticas, que arbitrariamente conduziam aos conventos e mosteiros as filhas de famílias nobres e ricas, sem vocação e sem cultivo espiritual, tornou em boa parte irrespirável e inassimilável a vida religiosa institucional da época.

Haurida basicamente na Igreja dos primeiros tempos. (I, 182), a inovação de Ângela, num momento em que a vida religiosa feminina só se concebia em termos de clausura, e, esta mesma intensamente poluída (I, 183), é de incalculável alcance e está na origem das congregações religiosas femininas ativas. Para Ângela, suas filhas são primordialmente **CONSAGRADAS** (I, 146-147). O encaminhamento para a vida religiosa virá em consequência e com outras formas. Neste sentido, as jovens passam a ser objeto de apostolado, antes de serem apóstolas elas mesmas (148).

Para concretizar o que aqui dizemos, nenhuma fórmula tão feliz como as frases da própria autora, Teresa Ledóchowska, quando sintetiza o "ideal de vida" de Ângela (I, 177-178). Não há na regra qualquer alusão à vocação apostólica. O programa que a Fundadora traça às primeiras Ursulinas não difere em nada do que poderia ser apresentado às contemplativas de então. Seria uma decepção buscar nos escritos de Ângela qualquer novidade sob este aspecto. Como explicá-lo? Na verdade, e é importante enfatizá-lo, não há senão uma perfeição cristã. Ela consiste, como explicitamente o disse o Senhor, na realização dos dois grandes mandamentos. Virgens da Companhia de Santa Úrsula vivendo no mundo e monjas na clausura são chamadas a uma idêntica perfeição. O fim é o mesmo. É no nível dos meios que se situa a diferença.

Ângela não falou deste outro nível, onde precisamente a voca-

ção das contemplativas difere essencialmente da das Ursulinas. Dois tempos podemos distinguir em seus escritos. Um fala da formação que devem receber as jovens e aqui a palavra "apostolado" não é sequer pronunciada. Focaliza o outro, o que a Madre pretende dar às Superiores para prepará-las à sua tarefa de educadoras. Sente-se vibrar então nas suas palavras o dinamismo ardente de seu zelo apostólico e a inspiração revolucionária de sua caridade. O contraste salta aos olhos. Não foi pelo programa que ela lhes traçou, mas pelo que ela ERA e pelo espírito que animava seus escritos, que Ângela fez de suas filhas APÓSTOLAS.

"É necessário sublinhar que as Ursulinas herdaram este duplo traço de seu caráter. Elas farão questão de sua vocação de educadoras. Ainda quando obrigadas mais tarde a se enclausurarem, não aceitarão a clausura senão sob a condição de ficarem fiéis a seu apostolado. Mas elas se sentirão no entanto chamadas à vida contemplativa. É a preço de grandes esforços que hão de

salvaguardá-la em meio a tarefa absorvente de sua vida apostólica" (I, 177-178).

O tecido histórico, o entrecruzar-se de paixões, a dimensão humana e precária de uma Igreja onde a corrupção rondava as fronteiras do próprio sólio pontifício, as vagas tremendas que afrontou a pequena fundação, os desvios institucionais que ela foi obrigada a assumir por circunstâncias sociológicas e imposições autoritárias e, finalmente, sua ulterior evolução e expansão, acentuando marcadamente a missão de educadoras da juventude, povoam as páginas deste livro serenamente corajoso e bem documentado, que se lê com admiração e interesse crescente (II, 31-32). Ele pode ser bem, no seu esforço honesto e crítico com relação aos que o precederam sobre o mesmo tema e a mesma pessoa, um paradigma de como apresentar hoje uma santa e fundadora, de modo que ela cresça aos nossos olhos pela transparência mesma e autenticidade com que nos é dado descobri-la.

(1) SANTA ÂNGELA E A FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE SANTA ÚRSULA, Teresa Ledóchowska, OSU. Tradução do original francês *Angèle Merici et la Compagnie de Ste. Ursule à la Lumière des Documents* pelas Irmãs Beneditinas da Fraternidade Deus Conosco, João Pessoa,

Paralba. Revisão das Irmãs Ursulinas. Editorial Dom Bosco, São Paulo, SP. Ano 1972. Páginas 428. A obra foi apresentada no original francês pelo Cardeal Eugênio Tisserand e na tradução brasileira pelo Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB.

Se nós quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida. Não só isso: também nós nos gloriamos em Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo por quem agora temos recebido a reconciliação,
Romanos 5, 10-11

IRMÃS FRANCISCANAS DA RECONCILIAÇÃO

A história da Sociedade da Reconciliação não começa com a fundação da Congregação a 15 de dezembro de 1898. Remonta anos atrás, quando Padre Lewis T. Wattson (mais tarde conhecido como Padre Paulo) e Irmã Lurana Maria White, ambos membros religiosos da Igreja Episcopalina, sonhavam fundar uma Congregação que se dedicasse a seguir o modo de vida de São Francisco de Assis.

Os dois fundadores da Sociedade da Reconciliação se conheceram primeiramente por correspondência, através da qual reconheceram que seus desejos eram semelhantes com relação a uma comunidade religiosa na Igreja Anglicana.

Irmã Lurana, enquanto ainda Postulante Anglicana, começou a ter dúvidas. Queria fazer o voto de Pobreza e as comunidades Anglicanas não faziam esse voto.

Com o coração preocupado, Irmã Lurana procurava conselho da Superiora, Madre Helen, que lhe deu licença para escrever ao Reverendo Lewis T. Wattson, um padre da Igreja Anglicana, que era conhecido como profundamente Espiritual. Ela falou-lhe da devoção que tinha a São Francisco, mesmo não sendo da Igreja Católica, e ao mesmo tempo perguntou-lhe: "Sabe se há alguma comunidade religiosa na Igreja Episcopalina que faz voto de Pobreza?" Na sua resposta, Pa-

dre Wattson disse: "Se há alguma, não a conheço."

O tempo passou e Irmã Lurana continuava perplexa, sem saber o que fazer. Até que encontrou um amigo de seu Bispo, Reverendo Houghton, que a avisou e ao Bispo que ela devia estar numa comunidade mais severa.

Lurana saiu daquela Congregação Anglicana e acompanhou uma tia à Inglaterra, onde descobriu, enquanto ouvia um sermão, que Deus não a queria em nenhuma comunidade já existente.

Quando Lurana chegou a Londres, foi ao Convento das Irmãs de Betânia (Anglicanas) e pediu para entrar na comunidade somente como postulante, desde que não tinha intenção de ficar. Lurana explicou que tinha a idéia de algum dia pertencer a um grupo de religiosas dedicadas aos ideais de São Francisco, com voto de pobreza, e até esse tempo queria receber formação na Vida Religiosa para depois melhor viver sua Vocação. Aquela Comunidade a aceitou nessas condições. Com muita alegria ela escreveu a Padre Wattson, que estava em Omaha, Nebraska nos Estados Unidos. Falou-lhe de fundar um grupo de Irmãs Missionárias dedicadas à Pobreza Comunitária.

Padre Wattson, na sua resposta, revelou-lhe seu pensamento de fundar um grupo de padres na Igreja Anglicana que também seriam pregadores e missionários.

Um dia, enquanto Padre Wattson fazia sua oração em ação de graças, depois da missa, abriu a Bíblia três vezes e, na segunda,

achou o nome da Sociedade das Irmãs e dos Padres, no texto de São Paulo aos Romanos, Capítulo 5, versículo 11, que diz: "Não só isso: também nós gloriamos em Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora temos recebido a Reconciliação."

Depois de passar por muitas tentações e trabalhos difíceis, Padre Paulo e Lurana conheceram umas senhoritas anglicanas que haviam descoberto uma igreja abandonada, a qual conseguiram re-estabelecer e procuravam algumas religiosas para viver perto e assim trabalhar com o povo da região. Essas senhoritas deram o nome de "Graymoor" àquele lugar e chamaram à igreja, Igreja São João. Quando conheceram Lurana logo lhe fizeram a proposta. Comunicando-se com Padre Wattson, Lurana pediu-lhe para ir verificar se o lugar daria certo para a sua função. Depois de três dias de oração, abrindo a Bíblia, Padre Wattson, dirigido pelo Espírito Santo, como ele firmemente acreditava, encontrou o Capítulo 6 de São Paulo aos Hebreus, versículo 13 até 18. As palavras pareciam ser escritas em letras de ouro, tão importantes que eram: uma promessa feita a Abraão de multiplicar-lhe a descendência e abençoá-la. Para os fundadores, isto foi uma aliança feita com Deus.

Na manhã de 15 de dezembro de 1898, Lurana, acompanhada por sua própria irmã e uma afilhada, Viola Carr, viajou para "Graymoor", Nova York, onde seria a sede das Irmãs Franciscanas da Reconciliação.

Padre Wattson foi logo fazer seis meses de noviciado com uma Comunidade Anglicana, de Santa Cruz. Depois de voltar do noviciado, Padre Wattson se estabeleceu acima da montanha de Graymoor e daí descia todos os dias para executar os trabalhos de Capelão para as Irmãs. Isto ele fez até a morte.

A reconciliação

No ano de 1900 os fundadores começaram a perceber que a comunidade possuía uma vocação especial de Unidade. Sentiram que os Frades e Irmãs deviam mostrar aos seus colegas Anglicanos a posição falsa da Igreja da Inglaterra e de ajudá-los a "Reparar as Brechas" e unir-se de novo à Santa Sé.

Irmã Lurana em sua pré-visão, disse a Padre Wattson: "Você já pensou a que perseguição, ostracismo e perigo de aniquilação podemos a Sociedade da Reconciliação fazendo essa propaganda? "Padre Wattson imediatamente respondeu: "Sim, mas mesmo assim, se nosso testemunho é de Deus, mais cedo ou mais tarde prevalecemos, mesmo que o mundo seja contra nós". Unidos na Fé e com convicção, os fundadores nunca vacilaram.

Os pioneiros de "Graymoor" não precisaram esperar muito tempo para mostrar concretas e práticas manifestações da crença que tinham nas doutrinas da Igreja Católica Romana. O Bispo Coleman, da Igreja Anglicana, fazendo uma visita, foi um dos primeiros a saber que a Sociedade acreditava e

aceitava os dogmas da Igreja Romana.

Em 1909 Padre Wattson, sempre reconhecido em sua Igreja como um grande pregador, fez seu sermão sobre Unidade à Roma. No dia seguinte, ele foi denunciado como desleal e foi censurado!

Novembro de 1907, dia 21, marca o dia dum encontro da Madre Lurana com o Arcebispo de Nova York. A fundadora com isto, deu o primeiro passo para a Igreja Católica.

O movimento da Oitava da Cátedra da Unidade Cristã foi iniciado no dia da Cátedra de São Pedro, 18 de janeiro, e terminou no dia 25 de janeiro, festa de São Paulo. Cada dia era um dia de sacrifícios, orações e trabalhos para a reunião dos Episcopalinos com a Igreja.

No dia 30 de outubro 1909, 17 pessoas ligados com a Sociedade da Reconciliação, entraram em um grupo para ser reunidos à Igreja Católica. Essa primeira "Semana da Unidade Cristã" tinha dado os primeiros frutos. Os iniciadores deram o exemplo.

Depois de seus estudos no Seminário de São José em Dunwodie, Padre Paulo Jaime Francisco (Padre Wattson), fundador dos Frades Franciscanos da Reconciliação, foi ordenado Sacerdote da Igreja Católica no dia 16 de junho de 1910.

As pregações de Padre Paulo não só trouxeram conversões para a Igreja mas também vocações para a comunidade.

Madre Lurana, viveu para terminar de escrever as constituições da Congregação. Ela morreu no dia 15 de abril 1935 e dois meses depois o decreto de aprovação das constituições foi apresentado às Irmãs.

Onde vivem e trabalham

Hoje as Irmãs Franciscanas da Reconciliação estão em vários países: Estados Unidos, Canadá, Itália, Irlanda, Japão e Brasil. No Brasil, elas têm casas em Jataí e Rio Verde, na Diocese de Jataí, e na Arquidiocese de Goiânia, onde elas têm noviciado, para formação religiosa dos futuros membros brasileiros da Reconciliação.

Sem dúvida, pioneiros de Ecumenismo foram Padre Paulo e Madre Lurana que organizaram a Cruzada de orações pela Unidade, chamada Oitava da Cátedra da Unidade.

As Irmãs Franciscanas da Reconciliação vieram para o Brasil em

dezembro de 1963. No início a Comunidade era composta de quatro Irmãs. Radicaram na Diocese de Jataí, onde iniciaram o trabalho depois de concluírem o curso de Português e cultura em Petrópolis, Rio de Janeiro por quatro meses. Elas tem casas em Jataí, Rio Verde e Goiânia. Os trabalhos desempenhados pela comunidade são:

- Pastoral da Infância, Jovens, e Adultos
- Promoção Humana
- Casa de Retiros
- Lares e Creches
- Abrigos para velhos

No Brasil está sendo realizado somente a Pastoral e Promoção Humana. Estão em Goiânia desde 14 de novembro de 1967. Com uma casa de formação, isto é, noviciado. Coordenaram aulas em alguns grupos escolares como parte da formação. Residem na Rua 85, N.º 769 Setor Sul, Caixa Postal 1047. 47 000 — Goiânia — GO.

Com um caloroso convite à confiança — na vocação religiosa, na Igreja e em nosso tempo — Paulo VI encerrou, no dia 12 de maio/73, a Assembléia das Superiores Maiores da Itália, reunida em Roma. **CONVERGÊNCIA** publica algumas passagens desta alocução.

RENOVAR-SE NA CONFIANÇA

Antes de tudo confiança na escolha da vocação religiosa feita com plena liberdade e em tranquila correspondência à graça de Deus, dando um significado mais alto e mais profundo à vida cristã. O que é realmente a vida religiosa senão levar até as últimas conseqüências — a morte ao pecado e às suas raízes, a consagração a Deus, a união a Cristo ressuscitado — os compromissos do batismo? O que é realmente a vida religiosa senão um total amadurecimento dos germes recebidos naquele decisivo encontro sacramental com a Trindade que nos ama e nos salva? (...)

Vós, portanto, com a fidelidade ao evangelho, tomado ao pé da letra, afirmais que as realidades que valem, as realidades que permanecem para além do contingente fluir do tempo, são as realidades espi-

rituais. A vida religiosa é sinal e presença da realidade escatológica do reino de Deus.

Nesta luz, adquire pleno significado vossa vida de pessoas consagradas, nas suas formas, nos seus compromissos essenciais representados pelos votos, no seu estilo forte, alegre, sacrificado, amoroso, acolhedor, guiado pelo único pensamento do amor de Deus e dos irmãos, especialmente dos mais abandonados, como no seu crescimento com Deus, do silêncio e da contemplação, especialmente da Eucaristia e da vida litúrgica...

Confiança na Igreja

Tende em seguida confiança na Igreja que por primeira confiou em vós. Tende uma particular relação de amor para com a Igreja como

a tendes igualmente por Maria. O mistério de Maria e o mistério da Igreja estão estreitamente unidos e se iluminam reciprocamente...

Vós que sois tão intimamente ligadas a estas realidades que misteriosamente se devem reproduzir e continuar em vossas vidas consagradas, deveis vos sentir sempre movidas por um particular amor para com a Igreja.

O fervor dos estudos eclesiológicos, na luz do ensinamento conciliar, e sobretudo a reflexão pessoal na vida de oração, devem estimular em todas as religiosas, uma nova estima, um novo abandono, uma nova confiança na Igreja e animar todos os Institutos a buscar novos serviços, sempre mais abertos e disponíveis para que a Igreja chegue aos confins do mundo, para o qual ela foi constituída sacramento do amor com que Deus encontra a humanidade em Cristo e a salva em todos os tempos e em qualquer lugar.

Confiança em nosso tempo

Por fim, tende confiança também em nosso tempo, tão cheio de aspirações e de tensões, de grandezas e de misérias, de necessidades e de esperanças. A Constituição Conciliar **Gaudium et Spes**, colocou tudo isto em relevo numa síntese exata e que deve estar sempre presente a todos aqueles que na Igreja que-

rem estar a serviço das necessidades do mundo.

Vossa vocação vos põe numa singular relação com o mundo cujos sofrimentos e feridas conheceis bem como as riquezas secretas no caminhar das gerações, na fidelidade das famílias, nos sacrifícios dos trabalhadores, nos sofrimentos dos doentes e dos velhos. Diante de tudo isto deveis ser setas que indicam direção. E nisto tendes uma grande responsabilidade. O povo vos observa e julga se a vossa fidelidade ao evangelho é genuína e sincera. Para ele vós tendes de ser sinais de que o evangelho está vivo, que o reino de Deus está no meio de nós.

Movidos por esta solicitude, chamamos a vossa atenção para o empenho de ser testemunhas na **Evangélica Testificação**, quando escrevemos que "o mundo hoje mais do que nunca, sente necessidade de ver nos homens e nas mulheres que acreditaram na Palavra do Senhor, na sua ressurreição e na vida eterna, até ao extremo de empenhar a própria vida terrena para testemunhar a realidade deste amor que se oferece a todos os homens..."

Neste tríplice convite à confiança, nós auguramos à União das Superiores Maiores da Itália, um renovado esforço para que tais metas sejam assumidas com crescente corresponsabilidade por todas as religiosas italianas.

ENCONTRO DE EDUCADORES DA FÉ DOS JOVENS

CRB-BELO HORIZONTE

Que valores comunicamos por nossa vida e nossa missão educadora?

Participantes: 81.

Objetivo: Descobrir em comum pistas para uma catequese mais viável para obter resultados mais eficazes.

Programa. 1.º) A realidade do jovem hoje, Prof. Halley Bessa. 2.º) Os valores essenciais para a educação hoje, Irmã M. C. Amaranete. 3.º) Testemunhos comunicando experiências realizadas em diversos colégios: Irmã Mercedes Viana, OFM, Irmã M. Rosário Correia, Irmão Gabriel do Vale, SVD, Irmão Nicácio, M.M.

Nossa maior alegria. O clima de oração e de entusiasmo reinante no Encontro. A eucaristia cada dia, a oração comum, as conversas, o trabalho em grupos, as conclusões e a avaliação, tudo foi vivido em profundidade e na mais intensa partilha fraterna.

Um resumo de cada etapa dos dias do Encontro. **Dr. Halley Bessa**, ajudou a refletir sobre o jovem diante dos valores da cultura, da família, do sexo, da moral, da religião, da política. Insistiu sobre a perplexidade atual, tanto dos jovens quanto dos adultos, frente à verti-

gem do progresso e a inadaptação dos adultos para a mudança. Abordou ainda a dificuldade que têm os adultos de reformular seu trabalho a fim de que a mensagem atinja os jovens sem deformá-los. Mostrou o problema generalizado de querer seguir por caminhos já batidos, de possuir respostas "certas", quando a realidade exige caminhos originais e afinal de contas, a única resposta é Cristo.

Irmã Maria Cecília depois de ter feito sentir a força decorrente do "pensar juntos" os problemas deste mundo que arriscam sufocar a pessoa humana, propôs vários textos onde foram estudados os valores essenciais para a educação. Encontramos estes: comunicação, procura, liberdade, criatividade, amor, tudo condensado no valor do respeito pela pessoa.

Irmã Rita Maria, apresentou como linha mestra do Documento da CLAR, o clima de liberdade na educação da fé. Sublinhou o valor educacional do ensino para uma educação integral, e desta, para contrabalançar o perigo de uma civilização técnica despersonalizante. Tudo como razão de ser de nossa atuação educacional enquanto religiosos. Tudo isso exigindo também a criação de uma comunidade educadora, com membros bem preparados para agir eficazmente. Em seguida levou o grupo com grande vivacidade a refletir sobre três aspectos, essência de uma educação da fé:

● Conhecimento do mistério da salvação = Estudo.

● A expressão da fé na ação litúrgica = compromisso.

● A vivência pessoal cristã = irradiação.

Enfim insistiu sobre o em que consiste a tarefa do educador da fé:

● Despertar no jovem a consciência do que é a Revelação.

● Estimular, facilitar, desenvolver o compromisso da fé cristã.

● Preparar-se (preparação teológica, pastoral, pedagógica).

● Respeitar o jovem.

● Crer na comunidade.

Os testemunhos que ocuparam a última tarde apresentaram a ação evangelizadora entre 10 e 19 anos, a fase mais difícil da formação e no momento, a menos sustentada por estudos e pesquisas pedagógicas, visando criação de material didático e técnicas, se se compara com tudo o que se produz para os primeiros quatro anos escolares.

Em síntese, os valores captados em todas estas experiências foram:

1. Partir da realidade com seus problemas e suas riquezas.

2. Crer no jovem, em seu desejo de compromisso, em sua capacidade de viver seriamente seu cristianismo e portanto, de ser apóstolo junto de outros jovens. Mas ele tem necessidade do adulto, da fé do adulto em seus valores jovens.

3. Dar o tempo necessário para que as experiências sejam pensadas e concretizadas, dada uma realidade.

de singular e que as experiências sejam avaliadas e acompanhadas.

4. Criar um serviço de orientação religiosa no colégio que saiba o que quer e queira apresentar Cristo à juventude. Que haja, portanto, trabalho em equipe; que esta equipe seja inserida na comunidade e viva em crescimento contínuo, fruto de planificação, revisões, re-planificações, de permanente acompanhamento.

5. Preparar o educador da fé, em técnicas, em teologia e em autenticidade de vida de fé e de amor.

Em conclusão do Encontro, o grupo propõe:

- Ser mais que saber.

- Tomar a atitude de busca, de questionamento sereno, de coragem e disponibilidade, de maior comunicação, de assumir o risco da fé e do amor que é a Religião.

- Valorizar mais o ensino religioso.

- Trabalhar no sentido de formar comunidade educativa.

- Tornar o serviço de orientação religiosa o "coração" de nossos colégios e criá-lo a partir da realidade.

Pensamos poder concluir de toda esta experiência e de nossas reflexões que a educação da fé não se pode dar sem a fé na educação.

Irmã Maria C. Amarante

A vida comunitária e, sobretudo, a oração precisam buscar sempre novas formas de expressão, novos símbolos, adaptados aos tempos e aos lugares, de tal forma que possam expressar com fidelidade e profundidade o relacionamento atual do grupo com Deus. A título de subsídio para celebrações comunitárias damos o texto abaixo, composto pela comunidade do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

1. PARA UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA

Coordenador. Em meio às tensões de toda convivência humana, quer inerentes à contingência de todos os tempos, quer provocadas pelos graves problemas de um momento de transição como o de agora, temos de interrogar-nos em busca de uma tomada de consciência que nos leve a uma superação positiva no processo vital da comunidade religiosa. Podemos refletir nestes dois fatos reais:

1.1. Numa família. Em casa de Joaquim e Ana, a família vive feliz e unida, embora a luta seja incessante. São seis irmãos: Paulo é mongólico, de quase nada participa conscientemente. Maria nasceu sem um braço e muitas vezes tem

reações de revolta, amargura e é facilmente irascível. José estuda e trabalha a fim de ajudar em casa, pois o pai está encostado por causa de um acidente. Os três menores ainda estão no primário. Ana se desdobra num milagre constante de dedicação. Em meio à tensão existente, a união no amor supera cada dia os atritos inevitáveis e na reunião de casais, Joaquim e Ana se declaram plenamente felizes e realizados. Paulo e Maria são, dizem eles, o sinal vivo de Cristo e o elo mais profundo da união de todos.

1.2. Numa comunidade religiosa. O ambiente se torna cada dia mais pesado. A **Irmã Individualismo** que

entrou para a Vida Religiosa a fim de se santificar e salvar, culpa as estruturas e as outras irmãs por não lhe darem chance de crescer. É interrompida em suas meditações quando surgem imprevistos. Irrita-se com todos que a importunam. A **Irmã Frustração** se revolta também contra a opressão de estruturas e de obras. Não tem oportunidade de desenvolver seus talentos, pois as necessidades de serviços lhe impedem fazer cursos desejados, cultivar aptidões artísticas etc. A **Irmã Acomodação** está tranquila. Deixou tudo para ter o cêntuplo desde este mundo. Agora não se preocupa com alimento, roupa ou teto. Tem o bem-estar da segurança material e espiritual, pois, na sua obediência ela transfere a responsabilidade aos superiores, e optando pelo celibato, se livrou da trabalhadeira de uma esposa e mãe de família.

A **Irmã Acumulação** reclama contra sua congregação alienada e quadrada, que não sabe responder e assumir todos os apelos do momento e quer abraçar as tarefas múltiplas em múltiplos setores. Incrimina a quantas não colaboram com seus planos sempre novos e quer todas a seu serviço. A comunidade se subdivide grupando-se em torno destas diversas líderes e as tensões se acentuam dia-a-dia. Todas se sentem frustradas, angustiadas e se perguntam:

— Vida religiosa ainda tem sentido? Não seria melhor acabar com as instituições?

De um lado vemos uma família em situação quase trágica e plena-

mente harmoniosa; de outro, uma comunidade religiosa que se esfacela. Podemos perguntar-nos se não estaria o problema na solução buscada em sua raiz no primeiro caso; e na inconsciência ou fuga dessa solução, no segundo caso? Embora esta comunidade denuncie em todas as reações, problemas reais e valores a salvaguardar, não parece haver lucidez da solução fontal que levaria a superar as tensões, a encontrar novos caminhos a experiências vitais.

1.3. Leitor. Você foi chamado a seguir Jesus de perto. Com ele você quer caminhar a Jerusalém, cidade do sofrimento e da glória. Com ele, quer dar tudo para que venha o reino. Neste caminho, você foi chamado para ser o menor e não para dominar; para carregar os fardos dos outros e não para os impor; para dar liberdade em vez de tomá-la; para tornar-se pobre para fazer os outros ricos; para tomar a cruz para dar alegria aos outros; para morrer a fim de outros viverem. Isto é o segredo do evangelho sobre o qual é melhor calar-se, pois o evangelho torna-se somente verdadeiro e autêntico, quando você o pratica. Tenha sempre Jesus Cristo diante dos outros. Não hesite em segui-lo. Não pare. Não olhe para trás. Veja o que está a sua frente.

Membro de um corpo. A comunidade é o primeiro lugar onde você faz visível o reino de Deus. Ela é um dos numerosos pontos onde a nova humanidade se reúne, em paz e reconciliação, em justiça e alegria, em louvor a Deus e em serviço do mundo, aos homens, so-

bre os quais Deus é Rei. Aceite, com gratidão, os irmãos que Deus lhe dá para que caminhem junto a você, como membros de um corpo, servindo-se e construindo-se mutuamente.

Na medida em que você mesmo estiver cheio de seu espírito, pronto para morrer a fim de que os outros vivam, a união mútua crescerá e refletirá, cada vez mais, a face de Cristo. Na medida, também, em que, juntos, estiverem prontos para morrer, dando a vida aos seus semelhantes, sua comunidade terá frutos para a vinda do Reino. Desfaça-se, pois, de todo orgulho e egoísmo. Converta-se, continuamente, a seus irmãos e entregue-se nas mãos de Deus.

1.4. Canto. Missa da Campanha da Fraternidade, 1973.

A mensagem do amor
levarei ao irmão.
Imitando o Senhor,
dar-lhe-ei mais perdão.

A palavra do amor,
quando é mais repartida,
leva a nossos irmãos,
maior paz e mais vida.

É na páscoa que vem
a maior redenção.
Pois no amor e no bem
há mais libertação.

Quando o atroz sofrimento,
faz na vida paragem,
saibam, neste momento,
que sofrer é passagem.

E a passagem de Cristo
na existência virá.
Leve amor ao irmão,
que amor lhe virá.

2. OUVINDO A ESCRITURA

2.1. Coordenador. Nossa vida comunitária é, pois, um encontro de irmãos, no mesmo seguimento de Cristo no qual fomos feitos filhos de adoção. É no Cristo que encontramos a norma viva de nossa entrega. Santo Agostinho no-lo descreve como o forte que se faz fraco assumindo nossa fraqueza:

— Deparamo-nos com um Jesus cheio de força e deparamo-nos com um Jesus frágil. Forte, pois, no princípio era o Verbo e o Verbo era Deus e o Verbo estava em Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Queres conhecê-lo fraco? O Verbo se fez carne e habitou entre nós. A força do Cristo te criou. A fraqueza de Cristo te recriou. Criou-nos por seu poder e foi até junto de nós por sua fraqueza.

É, pois, assumindo cada um, que nos unimos num só corpo, participando da força de Cristo através de sua fraqueza.

2.2. Leitor. O Cristo nos une como irmãos, aniquilando-se, assumindo nossa fraqueza e dando-nos a mão.

Filipenses 2, 5-8: Tende em vós a estima que se deve ter em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a

si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. Ele sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.

Colossenses 3,12-14: Vós, pois, como convém a escolhidos de Deus, santos e amados, tende um coração cheio de misericórdia e de benignidade, humildade, modéstia e paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós. Mas, acima de tudo, revesti-vos da caridade que é o vínculo da perfeição.

Primeira Carta aos Coríntios 10, 16-17: O cálice de bênção, que benzemos, não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão, que partimos, não é a comunhão do corpo do Senhor? Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos de um mesmo pão.

(Momento de silêncio).

2.3. Canto de Meditação. Missa da Eucaristia.

Nós somos muitos, mas formamos um só corpo, que é o Corpo do Senhor, a sua Igreja; pois todos nós participamos do mesmo pão da unidade que é o Corpo do Senhor, a Comunhão.

O pão que reunidos nós partimos é a participação do Corpo do Senhor.

O cálice por nós abençoado é a nossa comunhão no sangue do Senhor.

À ordem do Senhor obedecendo celebramos a memória de nossa redenção.

Da ceia do Senhor participando pelo Espírito seremos unidos num só corpo.

Seu corpo e seu sangue comungando sua morte anunciamos até que ele venha.

2.4. Leitor. A vida comunitária como toda vida é um processo de crescimento que se renova cada dia.

Mateus 5,23-24: Se estás, portanto, diante do altar para fazer a tua oferta e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão: só então, vem fazer a tua oferta.

Mateus 18, 19-22: Digo-vos ainda isto: Se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, consegui-lo-ão de meu Pai que está nos céus. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles. Então, Pedro se aproximou dele e disse: Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?

Respondeu Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

(Alguns momentos de silêncio. Se alguém quiser poderá expressar alto uma reflexão de meditação ou prece).

2.5. Prece final. Senhor Jesus, que vos tornastes um de nós assumindo nossa fraqueza a fim de dar-nos a vossa força, fazei com que, unidos no amor que leva à comunhão de filhos e irmãos, saibamos sempre com renovada fé e esperança carregar os fardos uns dos outros, construindo na unidade de um só corpo a comunidade de vossa Igreja. Vós que viveis e reinais com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Paulo VI, na alocução da audiência pública aos fiéis e peregrinos, no dia 9 de maio de 1973, anunciou ao mundo o Ano Santo de 1975. O período teve início em 10 de junho deste ano, festa litúrgica de Pentecostes. O prazo intermediário de um ano santo a outro — 25 anos — foi estabelecido por Paulo II, pela Bula Ineffabilis Providentia, de 17 de abril de 1470. CONVERGÊNCIA apresenta aos seus leitores algo do programa e dos objetivos deste Ano Santo.

A CELEBRAÇÃO DO ANO SANTO

A — PRINCIPAIS OBJETIVOS:

- 1) Uma tomada de consciência e uma reflexão pessoal sobre a vocação humana e cristã e sobre as obrigações do culto e da fé em Deus.
- 2) Uma sensibilização sobre o problema do pecado, da conversão, da salvação, proposta em termos apropriados à mentalidade, às condições e às necessidades do mundo de hoje (levando em consideração, no entanto, os aspectos psicológicos e sociológicos do problema).
- 3) Uma revalorização da Penitência como componente essencial do espírito cristão e uma nova proposta do sacramento da Penitência como meio para alimentar esse espírito, nas formas práticas de administração respondendo às verdadeiras tradições da Igreja e às condições psicológicas e sociais dos homens de hoje.
- 4) Uma acentuação adequada do sentido da reconciliação com Deus e o conjunto dos irmãos, com a comunidade cristã, com a humanidade inteira (compreen-

didada como comunidade regida por uma ordem moral respondendo aos desígnios divinos) que faz Penitência tanto no momento sacramental quanto na vivência cristã. Portanto, em sua eficácia operacional de unidade e de paz.

- 5) Uma referência contínua ao Cristo como único Salvador, do qual nos vêm todas as graças: a da fé, da conversão, das obras, da perseverança, do contínuo recomeçar, em nome do qual a Igreja desenvolve todo seu ministério e oferece seus serviços a todos os homens.
- 6) Um refortalecimento da comunhão com Cristo em nível da consciência pessoal, das relações

eclesiais e inter-eclesiais, de grupos e instituições da Igreja como fato já existente pela obra de Cristo e ao qual é preciso referir-se sempre e voltar-se para reparar as rupturas que se produzem nesta comunhão por causa de faltas pessoais e sociais.

- 7) Um chamado à missão e ao dever dos cristãos de serem no mundo — todos os domínios de ação: familiar, profissional, social, político, cultural, etc. — obreiros de unidade e de paz segundo o método evangélico da fraternidade e do perdão e traduzirem nos acontecimentos, nos valores, e nas instituições o espírito cristão da caridade.

B — INICIATIVAS A SUGERIR EM VISTA DA PREPARAÇÃO DO ANO SANTO EM TODAS AS IGREJAS LOCAIS.

1) Em nível paroquial

- a) “Missões” — sob forma antiga e nova — para revelar o espírito de penitência, de reconciliação e de unidade dos fiéis segundo as exigências e os objetivos anteriormente citados.
- b) Cursos catequéticos, pregações, grupos de estudo, debates, etc., sobre esses diferentes assuntos e sua aplicação prática.
- c) Revisão de toda situação das paróquias sob o aspec-

to da prática religiosa, da fé, das obras caritativas, das pias uniões, e das associações apostólicas, etc. a fim de dar um novo impulso empregando métodos adequados às condições psicológicas, sociológicas e religiosas atuais. (Trata-se de estabelecer acordos e programas nos decanatos ou vicariatos foreiros com a participação dos religiosos ou religiosas e dos responsáveis das diversas associações e obras).

2) Em nível diocesano

- a) Promover e coordenar as iniciativas paroquiais e de outros centros pastorais, procurando os meios mais adaptados para atingir os objetivos propostos.
- b) Encorajar a participação das escolas e instituições católicas, associações diversas, famílias religiosas etc., nessas iniciativas.
- c) Preparar e realizar a peregrinação diocesana à Igreja catedral, sem excluir as celebrações em outros lugares sagrados ou também em lugares públicos onde for julgado oportuno por razões técnicas e pastorais, levando

em conta os objetivos seguintes:

- celebração comunitária de um rito de reconciliação espiritual e social para toda a Igreja local;
- manifestação da unidade eclesial, comprometendo-se diante da população local, mesmo diante dos não crentes, a traduzi-la em ação;
- preparação espiritual da peregrinação da Igreja local a Roma representando toda a diocese, e preparação do encontro com a Igreja Romana e com o Papa.

3) Em nível nacional (ou regional)

- a) Determinar as formas e modos comuns de celebrações diocesanas do Ano Santo nas diversas dioceses do país (ou da região).
- b) Elaborar e difundir os esquemas de catequese e de homilias, os textos litúrgicos e paralitúrgicos, os calendários, etc., para a celebração do Ano Santo nas diversas dioceses e em vista da peregrinação a Roma.
- c) Interessar os diversos órgãos de opinião pública e de comunicação social pelos te-

mas e os objetivos do Ano Santo.

- d) Fazer eventualmente acordos com a autoridade pública concernentes ao livre desenvolver-se das celebrações.
- e) Entrar em contato e estabelecer acordos com os representantes das Igrejas e comunidades cristãs e, eventualmente de outras religiões, para uma participação comum aos ritos e outras iniciativas do Ano Santo da Reconciliação.

f) Informar o Comitê Central a respeito de todas essas atividades.

(Seria desejável que as Con-

ferências Episcopais façam acordos com as Uniões de Superiores Religiosos e com os Dirigentes das diversas associações e instituições).

C — PROBLEMAS DE PASTORAL

A respeito dos quais se tratará de tomar ou segerir iniciativas de estudo, de revisão, de programação, em nível internacional e nacional, em toda a Igreja seguindo o espírito e os pontos-chave do Ano Santo.

- 1) Fé e religião no mundo do trabalho.
- 2) Fé e religião no mundo dos jovens.
- 3) Fé e religião entre os intelectuais.
- 4) Fé e religião no mundo cultural.
- 5) Fé e religião no meio das comunicações sociais e no mundo do espetáculo.
- 6) Fé e religião durante os momentos de lazer.
- 7) Despertar missionário de toda a Igreja.

VIDA RELIGIOSA

Experiências

e

Testemunhos

RELIGIOSAS NA PASTORAL. COMO?

Da Conferência do Chile.

As mesmas interrogações,
as mesmas buscas,
por toda parte.

I

Podemos seguir com preocupação as conseqüências da diminuição sensível do efetivo do clero no domínio da pastoral. Conscientes de nossa responsabilidade na Igreja, sentimo-nos chamadas a procurar as vias de solução que trarão uma contribuição substancial ao esforço do Episcopado. Dirigimo-nos aos responsáveis de comunidades religiosas para lhes pedir a atenção para a distribuição do pessoal a fim de atender aos problemas que a diminuição do clero suscita. Esta nova exigência do mundo atual e da Igreja, nos impõe tarefas muito concretas:

Primeira: Como coordenar eficazmente esta distribuição?

Segunda: Como escolher e formar o pessoal apostólico para este novo trabalho pastoral?

Responder à primeira questão é relativamente fácil. Bastaria criar um organismo de coordenação que receberia os oferecimentos e os pedidos de serviço. O Secretariado da CONFER poderia facilmente assumir a responsabilidade, seja diretamente, seja indiretamente, por meio de uma comissão especial.

O segundo ponto é mais complexo. As perguntas que levanta não foram elaboradas intelectualmente, de longe, mas são o fruto de nossa própria experiência. Queremos apresentar-lhes nossas preocupações de

maneira concreta e aguardamos respostas concretas.

Eis as perguntas:

a) Como podemos nós participar da tarefa pastoral da Igreja? Somos conscientes de que é difícil compreender a originalidade do estilo de vida das religiosas inseridas na pastoral. É preciso contar com a incompreensão. Apesar disso é preciso igualmente criar uma mentalidade que permita oferecer um serviço que não seja auto-destruição.

b) Como escolher o pessoal para um serviço eficaz? Constatamos que uma escolha mal orientada já tem provocado, não somente um serviço deficiente, mais ainda em muitos casos concretos, uma verdadeira perda de vitalidade para certas congregações. Não há sempre uma formação adequada para este tipo de projeção apostólica, e ainda menos a maturidade suficiente para o exercício da responsabilidade que exige.

Freqüentemente se pensa que o ideal é enviar os membros mais jovens da Congregação. A prática nos leva a repensar esta alternativa.

c) Como solucionar o problema que a necessidade concreta de subsistência apresenta? Aqui também devemos contar com a incompreensão. cremos necessário chegar a uma modalidade de remuneração homogênea e isto nos leva a recomendar o contrato assinado pela congregação e não apenas pelos indivíduos. De nossa parte estudaremos esse aspecto com os Bispos.

d) Como encontrar um estilo adequado de Pastoral de Conjunto para as religiosas? Já existe muita experiência válida que é preciso pôr em comum. Existe também — por que negar? — fracassos que não se devem repetir. Por isso queremos criar uma Comissão que recolha estas experiências para elaborar um estilo novo. Sabemos que sobre todos estes pontos as religiosas têm uma colaboração a dar e nós lhes pedimos muito fraternalmente. Tudo será bem recebido.

2

NASCERÁ UMA NOVA CONGREGAÇÃO?

República de Gana.

Será o caminho
da renovação?

Uma nova experiência interessante acaba de se realizar em Gana, sob forma de pesquisa sociológica e pastoral. Temos satisfação de apresentá-la aos leitores de *Convergência*.

Desde 1970 se pensava na fundação de uma nova Congregação religiosa na Diocese de Kumasi. Já quatro dioceses sobre sete contam com uma congregação autóctone, tendo a primeira sido fundada em

1947. No espírito das novas orientações da Igreja, depois do Vaticano II, estabeleceu-se um diálogo entre o Bispo de Kumasi e alguns grupos religiosos e leigos, todos susceptíveis de fornecer informações concretas a respeito da oportunidade da fundação projetada.

A pesquisa, confiada às Irmãs Médicas das Missões, baseava-se em três perguntas:

1. Qual é a forma de vida religiosa mais adaptada aos habitantes de Gana?

2. Pode-se hoje, na Igreja, encarar a fundação de uma nova congregação africana para religiosas ocidentais?

3. Será possível pensar numa nova congregação em Gana?

O inquérito se processou por entrevistas a diversos grupos do país: comunidades religiosas ganenses, comunidades religiosas internacionais, organismos de formação tais como: seminários, centros sociais, centros pastorais; sacerdotes, leigos homens e mulheres.

O resultado apresentou certo número de pontos-de-vista específicos. As comunidades religiosas, seminários e casas de formação, foram concordes em admitir que seus programas atuais estão em período de experiência e adaptação constante. Para a maioria era claro que os modelos propostos até agora eram de origem européia, referentes a regulamentos e leis por demais ligados ao contexto cultural, estranho ao país. Embora certa adaptação já se tivesse realizado, principalmente em

coisas exteriores, o essencial do que atinge a vivência cristã e à vocação, foi simplesmente transposto de uma cultura para outra.

Enquanto algumas pessoas aceitavam entregar a fundação de uma nova congregação a quem quer que fosse, a grande maioria, no entanto, concordava em preferir um programa de longa durabilidade, visando a formação de uma comunidade religiosa, da vocação, e numa vivência de Igreja e de serviço à sociedade, de oração centrada no Evangelho.

Este programa seria confiado a uma equipe mista de ganenses e missionários estrangeiros, acentuando a compreensão e a explicitação da fé cristã inserida na cultura do país.

Os jovens desejosos de vida religiosa, entrariam assim em contato estreito com certas formas de vida comunitária e religiosa assim como de vida de oração tipicamente ganense, ao mesmo tempo que continuariam sua vivência familiar, escolar e profissional, até o dia em que lhes fosse possível tomar uma decisão autônoma e responsável quanto ao futuro.

Neste quadro favorável a uma vida cristã plenamente desenvolvida, estes jovens, tendo perseverado durante certo tempo, poderiam tornar-se o núcleo de uma congregação autenticamente ganense. Um outro ponto-de-vista preconizava, de preferência, o estabelecimento de uma comunidade religiosa, o desenvolvimento de um espírito cristão dinâmico a serviço do povo de Deus em Gana.

Conclusões e primeiras realizações

Para a maioria, não parecia oportuno confiar o cuidado de nova fundação a religiosas estrangeiras. No entanto, reconhecia-se a necessidade, em todos os níveis de Igreja, de um aprofundamento da fé cristã e de uma vida que seja verdadeiramente animada e informada pelo evangelho e pelos valores evangélicos. Desde que não se podia esperar resultados no nível da população cristã inteira, decidiu-se começar a atingir os que na Igreja, eram os responsáveis pela transmissão da mensagem e apóstolos de seus irmãos hoje: sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos homens e mulheres inclusive jovens.

A partir destas reflexões nasceu a idéia de um Centro para a renovação espiritual que seria desde logo uma casa de oração, de vida evangélica e de partilha fraterna. O Centro permitiria aos que desejassem, fazer retiros, tanto em particular

como em grupos; previa-se um programa especial de formação para aqueles a quem interessasse mais especialmente a promoção de uma vida religiosa especificamente ganense.

O programa procurará integrar cada vez mais a cultura e a vida africana e a vivência cristã. Donde a necessidade de uma atenção particular pela teologia e pela espiritualidade africanas.

No que se refere ao pessoal, preferiu-se para o bem de toda a Igreja, uma equipe reunindo sacerdotes, religiosas e religiosos, leigos ganenses e ocidentais de todo o país. Somente a partir das necessidades expressas do interior é que o Centro poderá refletir quanto às possibilidades de soluções concretas: tipos de retiros, de seminários etc. Ele quer conservar-se aberto, principalmente a todas as dioceses.

LIVROS NOVOS

A VIDA RELIGIOSA HOJE NA IGREJA, J. M. R. Tillard, OP. Tradução do original francês **Religieuses dans l'Eglise d'aujourd'hui** pela Conferência dos Religiosos do Brasil. Editora Acadêmica, Rio de Janeiro. Ano 1973. Páginas 72. Décimo volume da Coleção Vida Religiosa das Publicações CRB.

Aí está um pequeno livro, denso e sério, que a **CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL** coloca em português nas mãos dos nossos Religiosos.

À medida que avança o tempo vamos tendo a coragem de descer aos problemas profundos que realmente afetam a Vida Religiosa e as pessoas dos Religiosos. É curioso constatar como muitos dos Capítulos Especiais, reunidos para a **"accomodata renovatio"** depois do Concílio Vaticano II e pelo impulso do Motu Próprio **"Ecclesiae Sanc-**

tae", situaram num horizonte mais periférico a faixa prioritária de sua preocupação e expressão. Mas o tempo continuou. A história avançou acelerada e nós nos defrontamos com o envelhecimento prematuro de documentos capitulares que ainda não completaram seis ou sete anos.

Um dos aspectos positivos, parece-me, da fase que atravessa neste momento a Vida Religiosa, no mundo inteiro, mas concretamente no Brasil, é o não sucumbir à ilusão de querer iludir os problemas reais. O mundo se transformou em torno de nós e nós com ele. A Igreja passou por um processo crítico profundo de avaliação e redimensionamento de seus valores transitórios. Tomou consciência aguda de seu recuo histórico e da exigência missionária de uma nova e efetiva presença entre os homens, que mais talvez do que em outros tempos, precisam hoje do que ela, como **IGREJA**, lhes deve dar pela força de Jesus Cristo.

sas próprias ilusões, enraizadas não raro nas omissões confortáveis e paleativas a partir das quais, timidamente instalados numa vida descomprometida, nós nos acostumamos a ir fazendo alguma coisa com a consciência silenciada de não estarmos fazendo o que sabemos necessário.

Entre as páginas 29 e 41, Padre Tillard, mais do que em outros pontos do livro, nos confronta conosco mesmos, com serenidade, sobre a índole e a realização concreta de nossa **MISSÃO**. O lançamento deste livro no início deste segundo semestre de 73, completa também assim aspectos vários sugeridos pela Equipe Nacional de Reflexão Teológica da CRB, cujo tema de trabalho foi, no primeiro semestre deste ano, precisamente a **MISSÃO**, constituindo-se o mesmo em tópico central dos artigos de **CONVERGÊNCIA** neste período.

INTRODUÇÃO À ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, Victoriano B. Miguel, S.J.

Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 275.

A pesquisa nas ciências, sobretudo nas ciências-fronteira, como a Física atômica e a Biologia celular, é tarefa para uma vida que pode ser apaixonante. E o cientista recebe, ao mesmo tempo, a consagração social. Nossa sociedade desmistificadora de mitos e de heroísmos, coloca de bom grado, em lugar dos heróis passados, o tipo de cientista pesquisador como um dos modernos benfeitores da humanidade.

Contudo, não são nem a ciência nem a técnica o terreno onde vai decidir-se o futuro da humanidade. É no terreno

Vale sublinhar ainda, entre as páginas 43 e 48 duas dimensões postas em relevo com rara felicidade: a da **gratuidade** inerente ao cerne mesmo da **VIDA RELIGIOSA** e o da **comunidade**, concebida esta em termos de uma abertura libertadora das pessoas e integradora das comunidades, seja no seio da mesma Congregação, seja na capacidade de um esforço comum de ação entre várias Congregações.

Livros como este e como o documento da CLAR têm alcance vocacional inquestionável. Ajudam-nos a tornar-nos dignos da vocação à qual fomos chamados. Traduzem também muitos anseios de não poucos jovens que nos procuram, buscando o que nós também buscamos, mas que nem sempre conseguimos traduzir em vida.

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

da educação. A educação entendida como aperfeiçoamento humano do indivíduo, como integração moral e solidária de todos os homens, como tomada de consciência dos graves problemas coletivos.

Cada dia se adensam mais os indícios do fracasso do poder salvífico da pura técnica. Estamos chegando ao fim de um sonho de mais de dois séculos, em que o **leit-motiv** de nossa civilização tem sido o axioma de que o progresso técnico por si mesmo solucionaria automaticamente todos os problemas sociais e mesmo individuais.

A poluição ambiental, a delinquência juvenil, o aumento de criminalidade, o abuso de drogas, o alcoolismo, os problemas de convivência nas grandes cidades, a marginalização dos pobres na sociedade opulenta, as disparidades crescentes entre os povos são problemas que aludem não unicamente à técnica, mas principalmente à educação. Ao mesmo tempo esvai-se melancolicamente o mito do progresso material indefinido.

ARTE E LINGUAGEM, por um grupo de professores. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 142.

É mais um volume da coleção **Epistemologia e Pensamento Contemporâneo**. Anteriormente Vozes lançara **ESTRUTURALISMO E TEORIA DA LINGUAGEM, EPISTEMOLOGIA E TEORIA DA CIÊNCIA, ARQUEOLOGIA DO SABER, CHAVES PARA O IMAGINÁRIO**. No presente volume estão reunidos trabalhos diversos, todos de autores brasileiros, ligados a duas tradições de

A educação é, sem dúvida, o grande desafio do futuro. É sobre o fundo de tarefa complexa, tão cheia de variantes, tão absorvente pelo interesse humano, que o papel da orientação educacional e do orientador adquirem sua verdadeira estatura.

O autor de **Introdução à Orientação Educacional** é psicólogo e orientador educacional, professor da Universidade Católica de Goiânia, Goiás, fundador do Gabinete Psicotécnico da mesma universidade.

análise do discurso narrativo — o da Antropologia e o da Linguística — que cada vez mais tendem a juntar-se em um corpo teórico unitário. Os trabalhos aqui reunidos tratam, conforme a tendência atual dos estudos de análise do discurso, de uma variedade de objetos: **literários** (romance, conto, peça teatral) e de **comunicação de massa** (fotonovela, estória em quadrinho).

Eis o **Índice** do volume:

1. Um exercício em análise simbólica, página 9.
Professor Roberto da Matta.
2. Literatura: Símbolo e Mito, página 29.
Professor Milton José Pinto.
3. Economia e sociedade em Bongo-Bongo, página 58.
Professor Luiz Felipe Baeta Neves.
4. Vigência e Duplicação do Símbolo, página 72.
Professor Alencar Guimarães Lima.
5. Fotonovela: Decomposição e Recomposição, página 89.
Professor José Carlos Rodrigues.
6. Comunicação e Linguagem, página 117.
Professor Antônio Sérgio L. Mendonça.

O EU DIVIDIDO, Estudo existencial da sanidade e da loucura. R. D. Laing. Tradução do original inglês **The Divided Self**, por Aurea Brito Weissenberg. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas: 232.

Um trabalho muito original em que se estuda a loucura e o processo de enloquecimento de tal maneira que seja compreensível para aqueles que não têm contato experimental com o fenômeno e ao mesmo tempo leve algo de novo aos que, por profissão ou pelo contato pessoal, a ele estão ligados.

Sua originalidade consiste também no fato de examinar as formas de loucura dentro de uma escala existencial de referência. Assim, o autor apresenta, em linguagem corrente, e em termos existenciais, algumas formas de loucura, muitas delas tiradas de sua própria experiência clínica.

O autor faz questão de sublinhar que utiliza as conclusões da Psicanálise deixando de lado, porém, as discussões das escolas; apropria-se da visão existencial e fenomenológica, sem tomar partido por qualquer filosofia existencial determinada. Buscando uma síntese entre estas duas correntes de pensamento, e apresentando o seu trabalho numa linguagem comum, fácil, clara, viva e livre do jargão científico, Laing oferece uma contribuição do maior valor para a literatura sobre as psicoses. Este livro é recomendado aos psiquiatras, aos teólogos, aos filósofos, a qualquer pessoa que queira conhecer melhor certas condições especiais do comportamento humano, e até mesmo, como diz a "orelha" da edição original inglesa, aos poetas.

O autor

R. D. Laing nasceu em Glasgow, Inglaterra, em 1927. Trabalhou em diversas clínicas psiquiátricas, em sua terra, tendo nelas ocupado cargos de alta responsabilidade. Atualmente trabalha por conta própria, como psicanalista. Possui teorias pessoais

e originais sobre diversos problemas relativos ao comportamento humano, normal ou anormal, fruto de sua longa experiência de clínico, de estudioso e de pesquisador. Como psicanalista e psiquiatra, tem-se concentrado sobretudo nos casos de perturbação extrema da comunicação humana, no estudo de tipos de família e no comportamento humano em suas variedades. Publicou diversas pesquisas e ensaios em revistas especializadas, bem como vários livros, entre os quais, **O EU E OS OUTROS** lançado em português pela Editora Vozes, 1972.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

NAMORO, Pe. Murilo, SCJ. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas: 64. **DESAFIO E PROVA DO NACIONALISMO**, Arcângelo R. Buzzi. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas: 48. **SOCIOTERAPIA**, profissionalização e autonomia do serviço social, Lucimar Oliveira Lima Costa. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas: 64. **SOCIEDADE SEM ESCOLAS**, Ivan Illich. Tradução do original inglês **Deschooling Society**, por Lúcia Mathilde Endlich Orth. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas: 186.

A IGREJA E O ABORTO, Declarações de Conferências Episcopais. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas: 132.

Este livro coloca ao alcance do público brasileiro a doutrina do Magistério da Igreja Católica sobre o assunto. São declarações de conferências episcopais de vários países como: Alemanha, Itália, Bélgica, Índia, América do Norte, Holanda, Países Nórdicos, Peru, França etc. Estas declarações tratam do assunto em vários de seus aspectos: aborto e direito à vida; aborto e responsabilidade; aborto e lei civil; aborto e limitação de filhos; consequências físi-

cas, psicológicas, morais e sociais do aborto etc. Este livro será de auxílio aos pastores, teólogos, legisladores, médicos, esposos e educadores.

POR UMA EDUCAÇÃO MORAL E DINÂMICA, Marc Oraison. Tradução do original francês **Pour Une Education Morale Dynamique**, de Pedro Paulo de Sena Madureira e Júlio C. Guimarães. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 86.

Quando os jovens rejeitam a **moral** como sendo uma imposição dos adultos, uma interdição, um limite imposto à sua liberdade, muitas vezes eles têm razão. Quando os jovens acham que a nossa **moral** não passa de uma maneira inventada sutilmente para obrigá-los a serem como nós fomos, talvez estejam certos.

Quando eles explodem, se revoltam e aderem de corpo e alma à primeira novidade que aparece, certamente a culpa é dos adultos, que não sabem ou não querem falar a sua "língua". Quando dizemos que a juventude "rejeita toda e qualquer moral", talvez não estejamos percebendo que eles estão procurando uma moral, e apaixonadamente, mas que seja do seu tempo.

Nossa maior cegueira como adultos é não ver que na raiz desta revolta existe uma grande generosidade, que não é nova, pois pertence aos jovens de todas as gerações e que tem condicionado todo o movimento histórico. O homem está sempre à procura de um ideal para a sua conduta, numa sequência ininterrupta de crises.

Este livro é uma tentativa de encontro entre nós, adultos, e os jovens de agora. Dentro de 30 anos, teremos passado e eles é que estarão enfrentando a crise da **nova juventude**. As reflexões aqui contidas tentam justamente ajudar-nos a prepará-los a assumir o seu próprio destino, agora, e também a se prepararem para aquilo que os espera na geração seguinte.

Livro necessário aos educadores, ao clero, às religiosas e aos pais.

O autor. Marc Oraison é médico, psiquiatra e padre. Unindo tantas experiências, os seus escritos foram sempre marcados por uma nota perene de não-conformismo. Sua tese, como aluno do Instituto Católico de Paris, ao término de seu curso para o sacerdócio, intitulada "Vida Cristã e Problemas da Sexualidade", não foi aceita sem reticências, uma vez que destoava da antropologia e dos ensinamentos oficiais da época. Sempre considerado um precursor, suas obras mais antigas sempre apontaram noções chocantes na época, mas hoje em dia já aceitas e assimiladas pelo público.

AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO, C. A. Medina e Pedro A. Ribeiro de Oliveira. Uma co-edição Editora Vozes e Ceris. Ano 1973. Páginas 194.

O livro apresenta temas verdadeiramente centrais para a vida e a ação da

Igreja. O mais importante não são os temas em si, mas o enfoque segundo os quais são estudados. Baseados na literatura especializada e nos dados de campo disponíveis, os autores — tomando a Igreja particular como ponto de referência — formularam uma série de proposições cuja importância é capital para a obra toda.

A estrutura da Igreja particular é composta invariavelmente de três elementos interligados entre si: bispo, padre e leigo. A configuração que estes três termos tomam na Igreja do Brasil é de um eixo central e vertical que, além disso, possui um nítido corte horizontal: de um lado a díade bispo-padre (corpo clerical que sabe, decide e faz); de outro lado, os leigos (corpo laical que não sabe, não decide, é passivo).

Querendo mudar esta estruturação para uma outra, mais correspondente à idéia de Povo de Deus, deve-se ter bem em conta que a intervenção em um dos termos da estrutura necessariamente altera os outros.

BRASIL: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS, Celso Antunes. Elementos de Geografia Física, Social e Econômica do Brasil. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 194.

Ao lado do incontável número de livros de nível médio que abordam a Geografia do Brasil, pouco ou quase nada existe entre nós que satisfaça as exigências de um currículo universitário nesse particular. Este livro de Celso Antunes, além de ser de nível universitário, é uma obra didática, um manual que atende aos alunos das Faculdades de Filosofia, de Ciências e de Administração e também àqueles que se preparam para os vestibulares.

Um livro didático, mesmo para nível superior, não deve normalmente primar pela originalidade de suas teses e sim pela clareza de sua apresentação. BRASIL, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS, entretanto, sem perder de sua clareza e concisão, apresenta teses originais, pelo menos em abordagem geográfica. É uma primeira tentativa de se unir a História e a Sociologia sob o ponto de vista da Geografia, e pela primeira vez a Economia aparece como elemento explicativo das características do país e não apenas como expressão descritiva de certos quadros regionais.

A obra é acompanhada de várias ilustrações dando mais um subsídio didático e novo ao livro. O autor, nascido em São Paulo, é licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo, tem cursos de especialização e aperfeiçoamento no IBEC e de extensão universitária sobre Metodologia da Escola Renovada na PUCSP. Tem dado cursos sobre temas de interesse geográfico e econômico para professores e alunos de nível superior em diversas faculdades de quase todos os Estados do Brasil. Já publicou diversos livros sobre Geografia, Técnicas Pedagógicas, Estudos Sociais etc. e atualmente é professor universitário na cidade de São Paulo.

TESTES DE INGLÊS (TESTING ENGLISH). Múltipla escolha. Prof.^a Otília Arns. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 40.

São quatro pequenos cadernos, graficamente bem apresentados, baseados nos quatro volumes correspondentes **WE LEARN ENGLISH**, da mesma professora. Os volumes realmente apresen-

tam um valor. A avaliação metódica e segura é sempre um dos objetivos mais importantes de todo ensino-aprendizagem. É a razão por que não se pode limitar a avaliação a uma só técnica. A verificação do rendimento da aprendizagem de uma língua estrangeira pode ser feita de múltiplas formas.

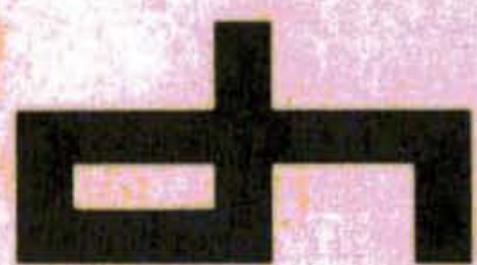
Aconselhável é que a primeira seja imediata, isto é, feita à medida que se desenvolvem as diferentes habilidades. Outra, nem sempre espaçada da mesma forma, pode ser feita depois do reensino que o inglês chama de **feedback**, isto é, através de prática e de exercícios previamente selecionados pelo professor.

Outra técnica é a da avaliação pelos testes de múltipla escolha, o que fazem os quatro pequenos cadernos **TESTES DE INGLÊS**. Na elaboração dos testes se fugiu, o mais possível, da técnica da adivinhação. Nesta múltipla escolha sempre algum dado exige certa reflexão por parte do aprendizando, embora as respostas sejam fornecidas.

CONFLITO SOCIAL, Perspectivas Teóricas e Metodológicas, Pedro Demo. Coleção Trilhas. Editora Vozes, 1973. Volume 3. Páginas 30. **PARA UMA SOCIOLOGIA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO,** Waldo A. César. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 48. Volume 2. Esta Coleção Trilhas da Editora Vozes, de cunho universitário, é constituída de cadernos padronizados, contendo ensaios, artigos inéditos, artigos-debates, mesas-redondas, dados informativos ou estudos nos mais diversos campos da cultura. O intuito é fornecer material de reflexão e trabalho colaborando palpavelmente na criação e cultivo da cultura brasileira.

O MELHOR QUE SE PODE FAZER PELO BRASIL É CRESCER COM ELE.

O Banco Denasa tem crescido com este país. Ajudando-o a crescer. No momento em que você le este anúncio, pode haver um especialista do Banco Denasa orientando um investimento. Processando financiamentos mais rápidos. Procurando dar maior rendimento às aplicações de pessoas como você. É a nossa maneira de semear progresso e desenvolvimento. Fazendo crescer indivíduos. Empresas. E mesmo uma nação.



BANCO DENASA
de investimento s.a.

dirigido por nomes que você conhece

Presidente do Conselho de Administração
Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA - RIO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE